

# Análise de Eficácia Comunicacional

---

**Arquivo:** cordel\_teste.mp3

**Tipo:** audio · **Status:** sintetizado · **Data:** 23/07/2026, 17:52:44

**Contexto:** contexto: é um jingle de pre-campanha, no formato de cordel, para contar a história de Rubens Pereira Jr, deputado federal pelo PT do Maranhão e pre-candidato a reeleição. · objetivo: apresentar a história de Rubens Pereira Jr · público-alvo: população maranhense

**Pacote político (P1–P4):** ativo

## Síntese executiva

---

**Índice geral:** 7.2 / 10

O conteúdo funciona como máquina de captura identitária, não de persuasão racional. Aposta na sequência dor → alívio emocional (t=30: 'viu riqueza e viu miséria... escolheu o trabalhador'; t=52: enumeração de políticas concretas) para ancorar o candidato como membro do 'nós' maranhense, não como salvador externo. A engrenagem gira bem na camada tribal e narrativa: o cordel como código nativo, a ancoragem geográfica (São Luís, Maranhão), a jornada do herói com vulnerabilidade real criam identificação visceral com público-alvo. Porém, a peça trava em duas engrenagens críticas. Primeira: não há CTA explícito — o pedido de voto permanece implícito, transformando a narrativa em celebração do candidato em vez de instrução de ação. Segunda: o eleitor é testemunha, não co-protagonista; a validação de sua dor é nomeada apenas como contexto da escolha de Rubens (t=102: 'Rubens disse não'), não como reconhecimento de que o público também sofre e também escolhe. Isso reduz a peça de convocação coletiva a monólogo laudatório. Para pré-campanha, onde o objetivo é 'apresentar a história', isso é funcional; para campanha eleitoral, onde o objetivo é mobilização de voto, é insuficiente.

## Forças

- **Narrativa de jornada do herói com lastro territorial específico** — A peça constrói um arco completo (origem humilde → confronto com injustiça → escolha moral) ancorado em São Luís e Maranhão, criando identificação imediata com público maranhense. A vulnerabilidade do candidato ('viu dor') funciona como credencial de empatia, não como fraqueza.
  - Evidência: [0:23] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador."
- **Enumeração de realizações concretas como moeda de troca com eleitor** — Seis políticas públicas nomeadas (cotas, saúde, segurança, impostos) funcionam como prova verificável de ação, reduzindo incerteza do eleitor. Cada item toca a vida do trabalhador maranhense, transformando promessa vaga em munição narrativa reutilizável.
  - Evidência: [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi

firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado."

- **Código cultural nativo (cordel + forró) como pré-suasão identitária** — A escolha do formato cordel não é estética, mas estratégica: ativa pertencimento cultural antes de qualquer argumento racional. A transição musical (melancolia → forró alegre) replica a sequência narrativa (dor → alívio), criando coerência entre forma e conteúdo que aumenta retenção e memorabilidade.
  - Evidência: [0:01] "Violão dedilhado melancólico que se transforma em percussão alegre, com voz masculina emotiva cantando 'Homem do lado do povo'"

## Fraquezas

- **Ausência de CTA explícito e transitório** — O pedido de voto permanece implícito ao longo de toda a peça. Não há instrução clara de ação ('Vote em Rubens Pereira Jr.') nem convite de mobilização ('Compartilhe essa história'). Isso deixa a emoção ativada sem canalização, reduzindo conversão de sentimento em comportamento.
  - Evidência: [4:02] "Refrão final de 57 repetições de 'Ah, ah!' sem frase de fechamento ou instrução de voto"
  - Correção sugerida: Inserir CTA rimado e direto entre t=120–130s (ex.: 'Vote em Rubens Pereira, o federal do Lula no Maranhão') antes do refrão final, mantendo tom cordel.
- **Eleitor como beneficiário passivo, não co-protagonista** — A validação da dor do público é nomeada apenas como contexto da ação de Rubens ('Rubens disse não'), não como reconhecimento de que o eleitor também sofre e também escolhe. O público aparece em terceira pessoa ('quem é cuidador', 'quem vivia apertado'), transformando a peça em monólogo laudatório em vez de convocação coletiva.
  - Evidência: [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador."
  - Correção sugerida: Inserir verso entre t=30–34s que nomeie a dor do público em primeira ou segunda pessoa (ex.: 'Você também viu essa luta, você também quer respirar / Rubens viu, Rubens ouviu, Rubens veio pra lutar'), criando sequência validar-público → propor-candidato.
- **Ausência de números específicos e dados quantificáveis** — As realizações são nomeadas mas não quantificadas. 'Garantiu cota no ensino' é mais fraco que 'garantiu 500 bolsas de cota'. Isso reduz credibilidade factual e deixa a peça vulnerável a contestação, especialmente em contexto de campanha onde verificabilidade é moeda de troca.
  - Evidência: [0:52] "garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador"
  - Correção sugerida: Adicionar 1–2 números específicos na seção de realizações (ex.: 'garantiu 500 bolsas de cota no ensino') sem quebrar métrica ou tom.

## O que este conteúdo ensina

- **Sequência dor → alívio como motor de decisão** — A peça abre com vulnerabilidade ('viu miséria, viu dor') e fecha com ação concreta ('garantiu cota', 'fez lei'). Essa sequência não é acidental: reduz tensão emocional e oferece resolução, criando sensação de agência e

esperança no eleitor. (Enquadramento de ganho vs. perda; sequência dor-alívio como gatilho de recompensa emocional)

- **Código cultural nativo como pré-suasão mais potente que argumento** — O cordel e o forró não são decoração; são o mecanismo de captura identitária. Antes de qualquer frase persuasiva, o eleitor maranhense já reconhece a si mesmo no formato. Isso reduz resistência cognitiva e aumenta permeabilidade a mensagem. (Pertencimento tribal; pré-suasão através de reconhecimento identitário; código nativo como redutor de fricção)
- **Validação de dor sem nomeação de culpado reduz polarização** — A denúncia de injustiça (t=102: 'blindagem', 'anistia') não nomeia adversário específico; refere-se a sistema abstrato. Rubens 'disse não', não atacou alguém. Isso permite que indecisos e eleitores de outras bases se identifiquem com a indignação sem se sentirem atacados. (Vilão sistêmico vs. vilão pessoal; redução de polarização através de denúncia estrutural)
- **Ausência de CTA explícito é falha crítica em peça de mobilização** — A peça ativa emoção (indignação, esperança, pertencimento) mas não canaliza em ação nomeada. O refrão final (57 'Ah, ah!') celebra mas não instrui. Isso funciona para pré-campanha (objetivo: 'apresentar história'), mas falha para campanha (objetivo: mobilizar voto). (Loop persuasivo incompleto; emoção sem canalização; CTA como fechamento de sequência gatilho-ação)
- **Eleitor-testemunha vs. eleitor-herói: diferença de conversão** — O público é posicionado como beneficiário passivo das ações de Rubens, não como co-protagonista. Isso reduz agência percebida e mobilização. Peças que transformam o eleitor de testemunha em herói ('você também escolhe', 'você também faz') geram maior conversão de sentimento em comportamento. (Modelo eleitor-herói/guia; agência do público como multiplicador de mobilização)

Coerência entre lentes: Captura identitária alta (notas 7–8 em lentes de narrativa, pertencimento, fluidez) colide com retenção de ação baixa (ausência de CTA, eleitor passivo, refrão sem instrução): a peça cria identificação visceral mas não canaliza em voto explícito, sugerindo desalinhamento entre objetivo declarado ('apresentar história') e objetivo implícito (mobilizar voto).

## Notas por lente

| Lente                                  | Nota |
|----------------------------------------|------|
| N1 — Abertura & Captura                | 7/10 |
| N10 — Mensagem & Proposta              | 7/10 |
| N2 — Arquitetura Narrativa             | 7/10 |
| N3 — Retenção & Ritmo                  | 8/10 |
| N4 — Emoção & Cérebro Primitivo        | 8/10 |
| N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva | 7/10 |

| Lente                               | Nota |
|-------------------------------------|------|
| N6 — Identidade & Tribo             | 7/10 |
| N7 — Validação & Posição Relacional | 6/10 |
| N8 — Clareza & Carga Cognitiva      | 8/10 |
| N9 — Formato & Plataforma           | 7/10 |
| P1 — Tipo de Voto Alvo              | 7/10 |
| P2 — Quem Bate, Perde               | 5/10 |
| P3 — Performance de Debate          | 7/10 |
| P4 — Eleitor-Herói                  | 3/10 |

## Análises por lente

### N1 — Abertura & Captura — nota 7/10

Este jingle de pré-campanha opera em um registro radicalmente diferente do que a maioria dos conteúdos políticos digitais espera: em vez de interromper o scroll com choque ou urgência, ele se apresenta como narrativa cantada, ancorada em forma cultural profundamente enraizada no Maranhão — o cordel em ritmo de forró. Nos primeiros segundos (0–7s), a abertura não quebra expectativa de forma disruptiva, mas sim de forma *reconhecível*: violão dedilhado melancólico que se transforma em percussão alegre, com a voz masculina emotiva cantando "Homem do lado do povo". Para um espectador maranhense rolando em redes sociais, este não é um chamariz de ameaça ou novidade estranha — é um chamariz de *pertencimento cultural*. A música nordestina, o sotaque, a métrica do cordel funcionam como sinais de que "isto é para mim", não para um público genérico. Isto prepara o terreno pré-suasivo de forma muito específica: não gera curiosidade sobre o que será dito, mas sim *conforto identitário* que baixa as defesas críticas e abre espaço para a narrativa que vem.

A estrutura narrativa que se segue (11–34s) é uma jornada de herói comprimida: "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador" (30s). Esta sequência não é burocrática — é visceral. O candidato não é apresentado como figura abstrata, mas como personagem que *viveu* a contradição (riqueza/miséria, promessa/dor) e fez uma escolha moral. A ancoragem geográfica (Maranhão, São Luís) não é decorativa; é o mapa mental do público-alvo sendo ativado. O risco de evasão imediata é baixo porque a forma (música, ritmo, voz) já capturou a atenção antes da mensagem política chegar.

No teste dos 5 segundos, um espectador distraído entende: isto é uma história sobre um político do Maranhão que veio de baixo e escolheu ficar com o povo. Não há ambiguidade. A informação mais impactante (a escolha moral, a origem) aparece cedo, não postergada. Isto é diferente de uma abertura genérica porque não compete com o fluxo — *é parte do fluxo cultural esperado*.

A potência de interrupção (D2) é moderada, não explosiva. Não há efeito sonoro de alarme, não há corte visual brusco, não há pergunta provocativa que force resposta. O que há é *continuidade estética* — a música de forró é familiar, o tom emotivo é esperado em narrativas de cordel. Para o público-alvo (população maranhense), isto não é fraco; é *apropriado*. A música não compete com outras peças por atenção através de agressão sensorial, mas através de *reconhecimento*. Isto é uma escolha estratégica coerente com o objetivo (apresentar história, não vender urgência).

A enumeração de realizações (52–74s) — "garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado" — funciona como moeda de troca com o eleitor. Cada linha é concreta (cotas, saúde, segurança, impostos), não vaga. Mas não há números específicos (nenhuma "redução de X%"), o que deixa a peça vulnerável a questionamentos factuais. A força aqui é narrativa, não comprobatória.

O segmento de indignação (102–107s) — "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar" — ativa emoção através de contraste: injustiça sistêmica (blindagem, anistia) versus recusa moral do candidato. Isto é gatilho de *indignação* que prepara o terreno para o refrão final. A estrutura é: pressão/tentação → recusa firme, demonstrando força moral sob adversidade. Para a base do PT no Maranhão, isto é munição — reforça a narrativa de um político que não se vende.

O refrão final (114–120s) — "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação. Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo" — é o bordão de campanha. Contrasta promessa vazia com ação concreta; associa o candidato com Lula (prova social/autoridade); reafirma pertencimento ao povo. Isto é coerente com a abertura emotiva e prepara o terreno para mobilização.

O segmento final (130–242s) de "Ah, ah!" repetidos 57 vezes é jingle puro — convida à participação coletiva, à memorização, ao canto junto. Isto é *agir junto* em forma sonora. Para uma peça de pré-campanha em plataforma digital, isto é risco: em TikTok ou Instagram Reels, 112 segundos de repetição vocálica pode gerar evasão. Mas em contexto de compartilhamento em grupos de WhatsApp ou em eventos comunitários, isto é ouro — é o tipo de coisa que as pessoas cantam, compartilham, repetem.

A distância entre abertura e primeiro pedido é infinita — não há CTA detectado. Isto é um problema estrutural. A peça não pede voto, não pede compartilhamento, não pede inscrição. Funciona como *narrativa pura*, não como *máquina de conversão*. Para pré-campanha, isto pode ser intencional (construir reconhecimento, não conversão imediata), mas deixa a peça sem via de ação clara. Um espectador que se sinta mobilizado pela história não sabe o que fazer com essa mobilização.

A coerência entre emoção da abertura (melancolia que se transforma em alegria) e tipo de apelo do fechamento (participação coletiva, canto) é forte. A abertura prepara vulnerabilidade e esperança; o fechamento oferece comunidade e ação (cantar junto). Isto é psicologicamente coerente.

O risco de desconexão entre abertura e restante da peça é baixo. A forma (cordel + forró) é mantida do início ao fim. A narrativa (origem humilde → escolha moral → realizações → recusa de corrupção → promessa de continuidade) é linear e sem saltos. Isto é uma peça bem costurada.

Para reestruturação: a peça ganharia força se inserisse um CTA claro nos últimos 10 segundos — não necessariamente agressivo, mas explícito. Exemplo: após o refrão final (120s), antes do jingle repetitivo, adicionar uma frase como "Vote em Rubens Pereira Jr. para deputado federal — o federal do Lula no Maranhão" ou "Compartilhe esta história com quem você ama". Isto transformaria a peça de narrativa pura em narrativa + ação, mantendo a coerência emocional. Segundo: considerar reduzir o segmento de "Ah, ah!" de 112 segundos para 30–40 segundos em versão para redes sociais, preservando a versão longa para eventos comunitários. Terceiro: adicionar 1–2 números específicos na seção de realizações (ex.: "garantiu 500 bolsas de cota no ensino") para aumentar credibilidade factual sem sacrificar o tom narrativo.

**Dimensões:** D1: 4/5 · D2: 3/5 · D3: 4/5 · D4: 2/5 · D5: 4/5

**Penalidades:** Ausência de CTA direto (–0,5): peça não oferece via de ação clara ao espectador mobilizado; Densidade de 'você' muito baixa (–0,5): discurso foca no candidato/narrativa, não no público como agente

#### **Evidências:**

- [0:01] "Violão dedilhado melancólico que se transforma em percussão alegre, com voz masculina emotiva cantando 'Homem do lado do povo'" — Abertura que ativa pertencimento cultural (cordel + forró) em vez de disrupção sensorial; prepara pré-suasão através de reconhecimento identitário
- [0:30] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador" — Narrativa de jornada do herói comprimida; ancoragem geográfica (São Luís, Maranhão) ativa mapa mental do público-alvo; escolha moral (escolheu o trabalhador) é informação mais impactante e aparece cedo
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado" — Enumeração de 6 realizações concretas funciona como moeda de troca com eleitor; vulnerável por falta de números específicos, mas forte em narrativa
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar" — Gatilho de indignação (injustiça sistêmica) + recusa moral (disse não); estrutura pressão/tentação → força moral; munição para base do PT
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação" — Bordão de campanha que contrasta promessa vazia com ação concreta; memorável, repetível, coerente com narrativa anterior
- [2:10] "Sequência de 57 repetições de 'Ah, ah!' intercaladas com música de forró (130–242s)" — Jingle que convida participação coletiva (cantar junto); risco em plataformas digitais (evasão por monotonia), ouro em eventos comunitários e WhatsApp



- [2:00] "Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo" — Associação com Lula (prova social/autoridade); reafirmação de pertencimento ao povo; CTA implícito mas não explícito

**Sugestão:** Inserir CTA explícito nos últimos 10 segundos antes do jingle repetitivo (ex.: 'Vote em Rubens Pereira Jr. para deputado federal — o federal do Lula no Maranhão'), mantendo tom narrativo. Reduzir segmento de 'Ah, ah!' de 112s para 30–40s em versão para redes sociais, preservando versão longa para eventos comunitários. Adicionar 1–2 números específicos na seção de realizações (ex.: 'garantiu 500 bolsas de cota no ensino') para aumentar credibilidade factual sem sacrificar tom.

## **N10 — Mensagem & Proposta — nota 7/10**

A peça constrói uma mensagem central identificável — 'Rubens Pereira Jr é um homem do povo que faz, não promete' — ancorada numa dor concreta do eleitorado maranhense: a desconfiança em políticos que prometem sem entregar e a esperança de que alguém 'do lado do povo' resista às pressões do poder estabelecido. A narrativa funciona como um cordel que resgata o arquétipo do herói local: um menino de São Luís que viu miséria e riqueza, escolheu o trabalhador, enfrentou o mando sem se vender, e depois provou isso através de ações específicas (cotas no ensino, piso da saúde, lei contra facção, escala 6x1, alívio de impostos). Essa sequência dor-escolha-ação-prova é o motor emocional que transforma a peça de simples enumeração em narrativa de credibilidade.

O problema central é que a mensagem, embora clara e emocionalmente ancorada, não se repete estrategicamente nem se converte em munição replicável. A promessa 'Vou pegar minha viola pra cantar com emoção' (t: 11–18) é dita uma única vez no início e nunca retorna. O bordão mais forte — 'Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação' (t: 114–120) — aparece apenas uma vez, já perto do final, quando deveria ser o eixo repetido em posições estratégicas (abertura, meio, encerramento). A proposta é completa em conteúdo (o quê: cotas, saúde, segurança, impostos; como: lei, defesa, alívio; com quê: ação legislativa e executiva no escopo de deputado federal), mas não em replicabilidade — o espectador sai com a emoção da história, não com a frase que pode repetir no bar.

A ancoragem na dor é forte: 'viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor' (t: 30) nomeia a experiência vivida do público maranhense (desigualdade, esperança frustrada). A escolha moral — 'Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador' (t: 34) — responde diretamente ao temor de que o político se venda para o lado dos ricos. A resistência à blindagem e anistia (t: 102–107) reforça isso: 'Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar' é prova de que ele não cedeu quando pressionado. Tudo isso é real e verificável no contexto de um deputado federal em exercício.

O equilíbrio diagnóstico-solução é adequado: a denúncia ('viu promessa e viu dor', 'blindagem pra poderoso', 'anistia apareceu pra culpado escapar') sempre vem acompanhada de ação ('garantiu cota', 'fez lei contra a facção', 'defendeu descanso justo'). Não há denúncia órfã. O formato em cordel com forró é culturalmente ancorado no público-alvo (Maranhão, população que reconhece a forma como sua), e a sequência de 57 'Ah, ah!' (t: 130–242) funciona como jingle participativo — convida à repetição coletiva, ao agir\_junto. Isso é força.

Mas a vulnerabilidade crítica é a falta de repetição estratégica da promessa central e a ausência de um CTA claro. O público sai emocionado, mas sem uma frase-síntese portátil que possa replicar. 'Não é homem de promessa, é de luta e construção' deveria ser repetida no mínimo 3 vezes em posições-chave (abertura, após enumeração de realizações, encerramento antes do jingle). Além disso, não há um pedido explícito — nem 'vote em Rubens', nem 'compartilhe', nem 'diga para um amigo'. O jingle termina em pura celebração vocal, o que é memorável mas não direciona ação.

O teste do incumbente também não é totalmente satisfeito: a peça diz o que Rubens fez (cotas, saúde, segurança, impostos), mas não explica por que essas coisas não foram feitas antes ou por que ele vai fazer mais agora. Há uma promessa implícita ('Fez e fará de novo', t: 120), mas ela não responde ao 'por quê ainda não?' que um eleitor pode fazer. Para um pré-candidato à reeleição, isso é uma lacuna: o público precisa entender não só que ele entregou, mas por que merece continuar.

A proposta de reestruturação prioritária: (1) Mover o bordão 'Não é homem de promessa, é de luta e construção' para a abertura (logo após 'Homem do lado do povo'), repetindo-o após a enumeração de realizações e novamente antes do jingle final — isso cria retenção e portabilidade. (2) Adicionar uma frase-síntese que responda ao 'por quê agora': algo como 'Começou a luta, mas a luta não termina — Rubens segue firme' ou 'Provou que faz — agora vai fazer mais'. (3) Inserir um CTA suave mas claro no final do jingle: 'Rubens Pereira Jr — o federal que o Maranhão merece' ou similar, que funcione como fechamento de promessa e convite à ação.

**Dimensões:** D1: 4.5/5 · D2: 4.5/5 · D3: 4/5 · D4: 3.5/5 · D5: 3/5

**Penalidades:** Promessa central dita uma única vez (t: 11–18) e nunca repetida em posições estratégicas; reduz replicabilidade em -0,5; Ausência de CTA direto ou transitório; público não recebe pedido explícito de ação (voto, compartilhamento, recomendação); reduz estrutura em -0,5; Teste do incumbente parcialmente violado: peça enumera realizações mas não explica por que fará mais agora ou por que não fez antes; reduz completude em -0,5

#### **Evidências:**

- [0:07] "Homem do lado do povo." — Estabelece identidade central e fronteira com exogrupo (políticos que não estão ao lado do povo); ancoragem no temor de abandono
- [0:30] "viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Nomeia a dor concreta do público maranhense (desigualdade, esperança frustrada) e oferece resposta moral (escolha pelo trabalhador); ancoragem na necessidade de confiança
- [0:58] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de 6 realizações concretas e verificáveis que transformam promessa em prova; responde ao temor de que o político não entregue
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Denúncia de injustiça



sistêmica seguida imediatamente de ação de recusa moral; prova de resistência à pressão do poder estabelecido

- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Bordão de campanha que sintetiza a promessa central em frase portátil; deveria ser repetido 3+ vezes mas aparece apenas uma vez
- [2:10] "Sequência de 57 'Ah, ah!' intercalados com forró (t: 130–242)" — Jingle participativo que convida ao agir\_junto (cantar, memorizar, repetir); ancoragem cultural no público maranhense via formato de cordel + forró

**Sugestão:** Reposicione o bordão 'Não é homem de promessa, é de luta e construção' para a abertura (após 'Homem do lado do povo') e repita-o após a enumeração de realizações e antes do jingle final — isso cria retenção e portabilidade. Adicione uma frase que responda ao 'por quê agora': 'Provou que faz — agora vai fazer mais' ou similar. Insira um CTA suave no encerramento do jingle: 'Rubens Pereira Jr — o federal que o Maranhão merece' ou equivalente, transformando celebração vocal em pedido de ação.

## **N2 — Arquitetura Narrativa — nota 7/10**

Este jingle de pré-campanha opera uma narrativa de herói popular que coloca o público-alvo (população maranhense, base petista) não como espectador, mas como testemunha e validador de uma trajetória. A fórmula narrativa é completa: começa com origem humilde e sofrimento testemunhado ("Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor", 23–34s), passa por confronto moral com o poder ("Cedo entrou na peleja, sem se vender, sem temer, bateu de frente com os grandes", 41–46s), enumera realizações concretas em políticas públicas (cotas, saúde, segurança, impostos, 52–74s), e culmina em recusa de corrupção sistêmica ("Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes", 102–107s). O arco termina com síntese de identidade ("Não é homem de promessa, é de luta e construção", 114–120s) e reafirmação de pertencimento ("sempre ao lado do povo", 120s). Rubens Pereira Jr ocupa o papel de herói da narrativa, não guia — a estrutura não oferece ao público uma transformação pessoal, mas sim a validação de que "alguém como nós" (origem regional, trabalhador, resistente) conseguiu vencer o sistema sem se corromper. Isso é adequado ao objetivo de reeleição e ao público declarado: reforça pertencimento e municia a base com argumentos de continuidade e integridade.

O mecanismo emocional opera em sequência dor-alívio: a narrativa nomeia a injustiça ("riqueza e miséria", "blindagem pra poderoso", "anistia pra culpado") e oferece resolução através da ação do candidato (cotas, piso de saúde, lei contra facção, recusa de anistia). A indignação é ativada com lastro real — não é alarmismo fabricado, mas referência a políticas públicas verificáveis e a dilemas morais concretos do Maranhão. O vilão não é nomeado como pessoa, mas como sistema ("os grandes que só lutam por poder", "o mando", "poderoso"), o que evita personalização agressiva e mantém o foco na estrutura de injustiça. Isso reduz risco de polarização extrema e permite que o público se identifique como vítima do mesmo sistema, não como inimigo de um adversário.

A ancoragem cultural é forte: o formato de cordel com ritmo de forró nordestino não é ornamental, é estrutural. A métrica de 8–10 sílabas, as rimas AABB/ABAB, e a progressão de violão melancólico para forró alegre criam memorabilidade e permitem que o público cante junto (evidenciado pela sequência de 57 "Ah, ah!" entre 130–242s, que funciona como jingle participativo). A geografia é específica (Maranhão, São Luís) e não genérica, o que aumenta a identificação regional. O candidato é nomeado (Rubens) e associado a figura de autoridade maior ("federal do Lula", 120s), criando endosso implícito sem subordinação.

O ponto fraco estrutural é a ausência de chamada à ação explícita. O jingle termina com reafirmação de identidade e promessa de continuidade ("Fez e fará de novo"), mas não há pedido direto de voto, engajamento ou compartilhamento. Para um contexto de pré-campanha, isso pode ser intencional — o objetivo pode ser apenas apresentação e construção de narrativa, não conversão imediata. Porém, se o objetivo incluir mobilização, a peça deixa em aberto o que o público deve fazer com essa história. Além disso, não há números específicos de realizações (exceto "escala seis por um", 84.5s, que é técnico demais para público geral), o que reduz a força probatória das enumerações de políticas. A densidade de "você" é baixa (0.22 por 100 palavras), o que significa que o público é falado sobre, não falado com — a narrativa é em terceira pessoa ("Rubens", "ele", "o federal"), não em segunda pessoa ("você viu", "você conquistou"). Isso é coerente com o formato de cordel tradicional, mas reduz a sensação de agência do público.

O desempenho em relação ao público-alvo é forte: a peça fala a linguagem cultural do Maranhão (cordel, forró), nomeia a região e a cidade de origem, enumera políticas que tocam a vida do trabalhador (cotas, saúde, segurança, impostos, descanso), e oferece uma identidade aspiracional clara ("de" = vítima de injustiça sistêmica, "para" = apoiador de quem resiste e entrega). A base petista maranhense reconhecerá os códigos (Lula, cotas, segurança contra crime organizado, defesa de trabalhadores) e terá munção narrativa para repetir e compartilhar. O tom é de celebração, não de ataque, o que reduz risco de rejeição entre indecisos.

Para otimizar a peça mantendo seu caráter, a sugestão prioritária é: (1) inserir um verso final que converta a narrativa em ação (ex.: "Vote em Rubens, leve essa história pra frente" ou "Canta essa história, leva pro seu lado"), transformando o jingle de apresentação em jingle de mobilização; (2) adicionar um número específico de impacto (ex.: "Garantiu bolsa pra dez mil mães" ou "Tirou cinco mil famílias da miséria") que dê concretude às enumerações; (3) considerar um verso que dirija a segunda pessoa ao público (ex.: "Você também viu essa luta, você também quer mudar"), aumentando a sensação de agência e pertencimento ativo, não passivo.

**Dimensões:** D1: 4.5/5 · D2: 4/5 · D3: 4.5/5 · D4: 4/5 · D5: 5/5

**Penalidades:** -0,5: ausência de CTA direto (pedido de ação explícito) — jingle termina em reafirmação, não em conversão; -0,5: público é falado sobre (terceira pessoa), não falado com (segunda pessoa) — reduz sensação de agência do público-alvo

**Evidências:**

- [0:23] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Estabelece arco narrativo completo: origem humilde, confronto com injustiça, escolha moral. Nomeia a região (São Luís) e cria identificação com público maranhense.
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de realizações concretas em políticas públicas (cotas, saúde, segurança, impostos) que toca a vida do trabalhador. Oferece moeda de troca com eleitor: ação verificável, não promessa vaga.
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Ativa indignação com lastro real (referência a dilemas morais concretos do Brasil), oferece resolução através de recusa moral do candidato. Vilão é sistema, não pessoa — reduz polarização.
- [2:10] "Sequência de 57 'Ah, ah!' intercalados com música de forró (130–242s)" — Jingle participativo que convida público a cantar junto. Formato de cordel com ritmo nordestino cria memorabilidade e ancoragem cultural forte para público maranhense.
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Síntese repetível que contrasta promessa vazia com ação concreta. Bordão de campanha que oferece identidade aspiracional clara ao público-alvo.

**Sugestão:** Inserir verso final que converta narrativa em ação explícita (ex.: 'Vote em Rubens, leve essa história pra frente') e adicionar número específico de impacto (ex.: 'Tirou cinco mil famílias da miséria') para aumentar concretude. Considerar verso em segunda pessoa ('Você também viu essa luta, você também quer mudar') para elevar agência do público-alvo de testemunha para co-protagonista.

### N3 — Retenção & Ritmo — nota 8/10

O jingle funciona como narrativa de reafirmação identitária para base já alinhada, não como peça de persuasão de indecisos. Estruturalmente, sustenta atenção através de três mecanismos sobrepostos: (1) a métrica de cordel nordestino com rimas AABB constantes ("emoção/Maranhão", "valor/trabalhador", "poder/responder"), que cria previsibilidade rítmica confortável e memorável para público familiarizado com a forma; (2) a progressão narrativa em arco clássico — origem humilde ("Menino de São Luís") → confronto moral ("viu riqueza e viu miséria") → escolha de lado ("escolheu o trabalhador") → ações concretas (Câmara, saúde, segurança, impostos) → recusa de corrupção ("disse não duas vezes") → síntese e promessa ("Fez e fará de novo"); (3) a cadência musical de forró que entra em  $t=1.5s$  e sustenta-se até o final, com picos de intensidade em momentos de enumeração de realizações ( $t=52-74s$ : "cota no ensino", "piso da saúde", "lei contra a facção", "alívio no imposto") e refrão vocal repetitivo ( $t=130-242s$ : 57 "Ah, ah!" intercalados com música). Cada um desses elementos renova o motivo para continuar ouvindo, mas de forma diferente: o cordel prende pela expectativa de rima; a narrativa prende pela revelação de ações; a música prende pelo ritmo corporal e pela convocação ao canto coletivo. Não há silêncios dramáticos (0s total), não há cortes visuais (métrica de áudio puro), não há blocos de fala ininterrupta acima de

12.5s — o ritmo é constante, nunca achata. A tensão aberta é mínima: não há loops de curiosidade deixados em aberto, não há pergunta que demande resposta, não há suspense. Em vez disso, há fechamento progressivo: cada estrofe encerra uma ideia (origem, luta, realizações, recusa, síntese), e o refrão final ("Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo") consolida a promessa de continuidade. O payoff é duplo: para o ouvinte que já apoia, é a confirmação de que o candidato entrega ("o que fala vira entregue, o que faz muda a nação", t=114–120s); para o ouvinte que oscila, é a enumeração de ganhos concretos (cotas, saúde, segurança, impostos, jornada de trabalho). A memorabilidade é alta não por uma única frase citável, mas pela estrutura rítmica que convida à repetição — o "Ah, ah!" final é um jingle dentro do jingle, um gancho que fica na cabeça e que o público pode cantar junto. Onde a evasão é mais provável: entre t=11–46s (narrativa de origem e luta), onde não há ainda enumeração de ganhos concretos — é o segmento mais abstrato, mais dependente de identificação emocional com a jornada do herói. Um ouvinte que não se vê na figura do "menino de São Luís" ou que não sente indignação com "os grandes que só lutam por poder" pode desligar aqui. Mas para o público-alvo declarado (população maranhense, base do PT), esse segmento é justamente o que consolida pertencimento: é a história local, a origem compartilhada, o "nós" que escolheu o trabalhador. O segundo risco de evasão está em t=84–107s, onde o ritmo muda ligeiramente (entra a enumeração de realizações, depois a denúncia de injustiça sistêmica com "blindagem" e "anistia"). Aqui, o ouvinte que não tem familiaridade com a luta política específica (blindagem de poderosos, anistia para culpados) pode não acompanhar a indignação. Mas novamente, para a base, é um momento de reafirmação: "Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar" (t=107s) é a credencial de integridade que consolida voto. O terceiro segmento (t=130–242s) é puro refrão, puro convite ao agir\_junto — 57 repetições de "Ah, ah!" com música. Aqui, a evasão é improvável porque não há mais conteúdo a processar, apenas ritmo a acompanhar. É o momento de fixação na memória e de mobilização emocional (o corpo acompanha o ritmo, a voz se junta ao coro). Estruturalmente, o conteúdo não abre loops — não promete "você vai descobrir por que Rubens é diferente" e depois demora para revelar. Em vez disso, revela progressivamente: primeiro a origem (por que ele é do povo), depois a luta (por que ele é guerreiro), depois as ações (por que ele merece voto), depois a recusa (por que ele é íntegro), depois a síntese (por que ele é a escolha). Cada estrofe fecha o que abriu. Isso é adequado para uma peça de reafirmação, não de persuasão. Se o objetivo fosse persuadir indecisos, seria um problema — loops abertos mantêm indecisos engajados, esperando a resposta. Mas para consolidar base, fechamento progressivo é correto: reafirma o que já se sabe, oferece munção retórica nova (as realizações específicas, a recusa de corrupção), e convida ao canto coletivo. A única fraqueza estrutural é a ausência de um CTA explícito ("vote em Rubens", "compartilhe este vídeo", "vá às ruas"). O CTA está implícito no refrão final ("sempre ao lado do povo") e no convite ao canto ("Ah, ah!"), mas não é direto. Para uma peça de pré-campanha, isso é aceitável — o objetivo é apresentar a história, não converter voto imediato. Mas se a intenção fosse mobilização para ação (ir a comício, compartilhar, falar com vizinhos), um CTA explícito em t=120–130s (antes do refrão final) aumentaria a retenção de intenção até o final. Quanto à concretude e imagética: o discurso é altamente concreto. "Viu riqueza e viu miséria" (t=30s) cria imagem visual clara; "garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador" (t=58s) é específico e tangível; "escala seis por um" (t=84.5s) é número preciso que o público trabalhista reconhece; "lei contra a facção" (t=69s) é ação nomeada. Não há abstração de alto esforço. A linguagem é simples, as frases curtas

(média 3.4 palavras), o Flesch-Kincaid indica leitura fácil. Isso sustenta atenção porque não há fricção cognitiva — o ouvinte não precisa traduzir jargão, não precisa inferir significados. Quanto ao contraste e apostas: o contraste estrutura toda a peça. "Riqueza e miséria", "promessa e dor", "se vender vs. sem se vender", "blindagem para poderosos vs. recusa de Rubens", "promessa vazia vs. luta e construção". Cada contraste é um antes/depois que justifica a escolha. O "por que continuar" é respondido a cada estrofe: porque ele viu o que você vê (origem), porque ele lutou como você quer que alguém lute (integridade), porque ele entregou o que você precisa (realizações). O risco de evasão não é por falta de stakes — os stakes estão claros (a escolha entre poderosos e trabalhadores, entre promessa e ação). O risco é por saturação emocional: após t=120s, o ouvinte já recebeu toda a informação narrativa. O refrão final (57 "Ah, ah!") é uma extensão que consolida, mas que também pode cansar se o ouvinte não estiver em contexto de dança ou celebração coletiva. Em contexto de escuta individual (fone, carro), esse segmento pode ser percebido como repetitivo. Mas em contexto de comício, festa, rua — que é o contexto provável de consumo para público maranhense em pré-campanha — o refrão é exatamente o que mobiliza: é o momento em que o público canta junto, em que o individual vira coletivo. Portanto, a estrutura é adequada ao contexto e ao público-alvo. Não há evasão estrutural grave; há apenas pontos de menor engajamento (t=11–46s para quem não se identifica com a narrativa de origem, t=84–107s para quem não acompanha a política específica), que são aceitáveis em uma peça de base. O payoff é claro: a sensação de que Rubens é um dos nossos, que ele entrega, que ele merece continuidade. A memorabilidade é alta pela forma (cordel + forró + refrão), não por uma frase única, mas por uma estrutura que convida à repetição e ao canto coletivo.

**Dimensões:** D5\_memorabilidade: 4/5 · D1\_tensao\_continua: 4/5 · D4\_contraste\_apostas: 4.5/5 · D2\_renovacao\_estimulo: 4.5/5 · D3\_concretude\_imagética: 5/5

**Penalidades:** Ausência de CTA explícito (–0,5): o convite à ação está implícito no refrão, não direto; em contexto de pré-campanha, isso reduz mobilização imediata para ações específicas (voto, compartilhamento, presença em eventos).; Refrão final excessivamente longo sem variação (–0,5): 57 repetições de 'Ah, ah!' entre t=130–242s podem cansar em contexto de escuta individual, embora sejam adequadas para contexto coletivo/comício.

#### **Evidências:**

- [0:11] "Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão." — Abertura narrativa que estabelece o arco de jornada do herói e ancoragem geográfica; cria expectativa de revelação progressiva.
- [0:30] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Pico de tensão narrativa: contraste riqueza/miséria e a escolha moral que consolida identificação com público-alvo (trabalhadores maranhenses).
- [0:58] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador." — Enumeração de realizações concretas que oferece munção retórica e payoff de ação entregue; sustenta atenção através de especificidade (cotas, saúde).



- [1:47] "Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Credencial de integridade sob pressão; consolida contraste entre Rubens e 'poderosos' e reafirma pertencimento à base.
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Síntese memorável que contrasta promessa vazia com ação concreta; bordão de campanha que encerra a narrativa antes do refrão.
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetidos 57 vezes com música de forró, melodia alegre e animada." — Convite ao agir\_junto e fixação na memória; transição de narrativa para mobilização emocional e corporal; adequado para contexto coletivo (comício, rua).

**Sugestão:** Inserir um CTA explícito entre t=120–130s, antes do refrão final, que converta a reafirmação em ação: ex., 'Vote em Rubens Pereira, o federal do Lula' ou 'Compartilhe essa história, leve Rubens para frente'. Isso manteria a estrutura narrativa intacta, mas ancoraria a intenção de voto/mobilização no momento de maior engajamento emocional (logo após a síntese). Alternativamente, reduzir o refrão final para 20–30 'Ah, ah!' e encerrar com uma frase de chamada (ex., 'Rubens Pereira, sempre ao lado do povo — vote em Rubens') para manter memorabilidade sem saturação em contexto de escuta individual.

#### **N4 — Emoção & Cérebro Primitivo — nota 8/10**

Este jingle de pré-campanha opera como uma narrativa emocional ancorada em símbolos culturais nordestinos — o cordel e o forró — para construir identificação entre o candidato Rubens Pereira Jr e a população maranhense. A peça não busca persuadir através de argumentação racional, mas através de ancoragem corporal e memória cultural: o ritmo constante de forró (iniciado em 1.5s e mantido até o final) funciona como batida hipnótica que facilita memorização e repetição coletiva, enquanto a narrativa em verso segue a estrutura do herói que enfrenta adversidade e escolhe o lado do povo.

A curva emocional começa em melancolia contida (0–1s: violão dedilhado suave), transita para indignação moderada quando introduz o conflito moral ("viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor" em 23–34s), e culmina em alegria coletiva através da repetição de "Ah, ah!" (130–242s). Este padrão tensão → alívio é o motor instintivo de decisão: a vulnerabilidade do "menino de São Luís" que "viu dor" dispara empatia; a enumeração de realizações concretas (cotas no ensino, piso da saúde, lei contra facção, escala 6x1) oferece via de ação e alívio — o voto recompensa quem já agiu. O medo não é explícito, mas está implícito na denúncia de injustiça ("blindagem pra poderoso se guardar, anistia apareceu pra culpado escapar" em 102–107s): vulnerabilidade sistêmica que o candidato "disse não duas vezes, sem o manda envergar", oferecendo proteção moral.

O direcionamento pessoal é fraco em termos de pronome "você" (densidade 0.22/100 palavras), mas forte em termos de identidade coletiva: "Homem do lado do povo" (1.5–7s) e "sempre ao lado do povo" (120s) constroem um "nós" implícito onde o público se reconhece como beneficiário e parte da narrativa. A concretude é alta: não fala em "democracia" ou "transparência" abstratas, mas em "cota no ensino", "piso da saúde", "escala seis por um", "tempo livre pra abraçar" (52–95s). Cada realização é materializada em imagem mental — o estudante que entra na universidade, o trabalhador que descansa.



O contraste decisório é claro mas não dicotômico: não há inimigo nomeado, apenas "os grandes que só lutam por poder" (41s) versus "o trabalhador" (34s). Esta ausência de exogrupo rotulado é estratégica para público-alvo amplo dentro da base — evita alienar moderados enquanto mantém mobilização da raiva contra "o sistema". A memorabilidade é extremamente forte no início ("Homem do lado do povo" em tom emotivo) e no final (57 repetições de "Ah, ah!" que funcionam como jingle fixador e convite à participação coletiva — agir\_junto).

O ponto fraco estrutural é a ausência de call-to-action explícito: não há "vote em Rubens", "compareça no comício", ou qualquer instrução comportamental direta. A peça constrói identificação e recompensa emocional, mas não canaliza isso em ação imediata. Para público maranhense em contexto de pré-campanha, onde o objetivo é "apresentar a história", isto é aceitável — a peça é de reconhecimento, não de conversão. Porém, a falta de qualquer CTA deixa a decisão em suspenso: o ouvinte sai mobilizado emocionalmente, mas sem próximo passo claro.

O tom monotônico é uma segunda fraqueza: embora a música varie (melancolia → forró alegre), a fala mantém cadência de verso constante, sem picos de intensidade vocal ou pausas dramáticas. Isto reduz o impacto de momentos-chave como a denúncia de injustiça (102–107s), que mereceria maior ênfase prosódica. A repetição de "Ah, ah!" no final, embora memorável, estende-se por 112 segundos (mais de 50% do conteúdo de fala) — risco de fadiga auditiva e perda de atenção em plataformas de consumo rápido (TikTok, Instagram Reels).

Para público-alvo maranhense, a peça acerta em código cultural (cordel + forró = linguagem nativa), em narrativa de origem ("menino de São Luís") e em realizações verificáveis (cotas, segurança, impostos). O lastro real é alto: 100% dos gatilhos de arquétipo, indignação, rima/ritmo, território e história pessoal têm ancoragem em fatos ou experiência vivida, não em promessas vazias. Isto gera credibilidade instintiva — o cérebro primitivo reconhece "isto é verdade porque é específico e local".

O mecanismo de ativação emocional funciona assim: (1) abertura melancólica dispara empatia por vulnerabilidade; (2) narrativa de jornada (herói que escolhe o povo) ativa arquétipo de redenção; (3) enumeração de ganhos concretos oferece recompensa dopaminérgica (alívio de tensão); (4) denúncia de injustiça ativa indignação controlada (medo com via de ação — o candidato "disse não"); (5) refrão repetitivo convida à participação coletiva (agir\_junto = sensação de pertencimento). O resultado é ancoragem corporal forte: ouvinte sai com sensação de esperança (ganho) + raiva controlada (injustiça reconhecida) + pertencimento ("nós" implícito).

Sugestão de reestruturação: (1) Reduzir o refrão final de 112s para 30–40s máximo, substituindo repetições excedentes por um verso de encerramento que nomeie explicitamente a ação esperada ("Vote em Rubens, federal do povo" ou similar), criando CTA implícito mas claro. (2) Inserir uma pausa de 0.5–1s antes da denúncia de injustiça (102s) para criar tensão dramática e destacar o momento de recusa moral do candidato. (3) Elevar ligeiramente a intensidade vocal nos trechos de realização concreta (52–74s) para reforçar a sensação de vitória e agência.

**Dimensões:** D1: 4.5/5 · D2: 4/5 · D3: 4.5/5 · D4: 3/5 · D5: 3.5/5 · D6: 4.5/5

**Penalidades:** Ausência de CTA explícito (–0,5): nenhuma instrução comportamental direta detectada; peça mobiliza emoção mas não canaliza em ação imediata; Monotonia prosódica (–0,5): cadência de verso constante sem picos de intensidade vocal em momentos-chave; denúncia de injustiça (102–107s) não recebe ênfase dramática proporcional; Refrão excessivamente longo (–0,5): 112 segundos de repetição de 'Ah, ah!' representa >50% do conteúdo de fala; risco de fadiga auditiva e perda de atenção em consumo rápido

#### **Evidências:**

- [0:01] "Homem do lado do povo." — Abertura que estabelece identidade coletiva e pertencimento; tom emotivo em voz masculina cria ancoragem imediata com público-alvo
- [0:23] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Narrativa de jornada do herói com vulnerabilidade concreta (viu dor); escolha moral explícita (escolheu o trabalhador) ativa arquétipo de redenção e empatia
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de realizações concretas e verificáveis (cotas, saúde, segurança, impostos); cada item materializa ganho específico e oferece recompensa emocional (alívio de tensão)
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Denúncia de injustiça sistêmica (vulnerabilidade coletiva) seguida de recusa moral do candidato; oferece via de ação (proteção através do voto) e ativa indignação controlada
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Síntese repetível que contrasta promessa vazia com ação concreta; funciona como bordão de campanha e reforça credibilidade através de especificidade
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetida 57 vezes (130–242s) intercalada com música de forró" — Jingle vocálico repetitivo que convida participação coletiva (agir\_junto); cria sensação de pertencimento e memorabilidade, mas extensão excessiva reduz impacto
- [0:01] "Violão dedilhado melancólico + voz emotiva + ritmo de forró alegre" — Justaposição de símbolo cultural nordestino (forró) com mensagem política (povo); valência positiva co-presente desde abertura facilita identificação com público-alvo maranhense

**Sugestão:** Reduzir refrão final de 112s para 30–40s e substituir repetições excedentes por verso de encerramento com CTA implícito (ex.: 'Vote em Rubens, federal do povo'). Inserir pausa de 0.5–1s antes da denúncia de injustiça (102s) para criar tensão dramática. Elevar intensidade vocal nos trechos de realização concreta (52–74s) para reforçar sensação de vitória e agência do candidato.

#### **N5 — Gatilhos & Integridade Persuasiva — nota 7/10**

O sistema persuasivo desta peça opera em três estágios bem definidos, cada um lastreado em gatilhos que se reforçam mutuamente: (1) cultivo de relação identitária e credibilidade, (2) redução

de incerteza através de narrativa e prova concreta, (3) motivação para ação via participação coletiva. A sequência é estratégica e funciona porque respeita a ordem psicológica de persuasão — credibilidade antes de emoção, emoção antes de pedido — embora o pedido final seja implícito e fraco.

O padrão dominante é a narrativa de jornada do herói (t=11–34: 'Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador'), que funciona como âncora emocional e identitária. Essa narrativa não é retórica pura — está lastreada em trajetória verificável de Rubens Pereira Jr., deputado federal pelo PT do Maranhão — e cria simultaneamente pertencimento regional (Maranhão, São Luís) e identificação de classe (trabalhador). O formato em cordel com forró (t=0–242) amplifica esse efeito: a forma cultural nordestina não é decoração, mas gatilho de ancoragem que torna a mensagem memorável e cantável, ativando o mecanismo de 'agir junto' (t=130–242: 57 repetições de 'Ah, ah!' que convidam à participação vocal).

O empilhamento de gatilhos funciona bem nos primeiros 120 segundos. A sequência é: (1) identidade regional + pertencimento (t=1.5–7: 'Homem do lado do povo'); (2) narrativa de origem e escolha moral (t=11–34); (3) credencial de coragem sob pressão (t=34.5–46: 'Cedo entrou na peleja, sem se vender, sem temer'); (4) enumeração de realizações concretas em seis domínios (t=52–74: cotas, saúde, segurança, impostos, escala 6x1). Cada camada reforça a anterior — a origem humilde justifica a escolha pelo trabalhador, que justifica as políticas públicas, que justificam a credencial de integridade. O gatilho de indignação (t=102–107: 'Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes') funciona como pico emocional que contrasta com a recusa moral do candidato, criando estrutura de 'fraqueza antes da força' — o sistema injusto é apresentado como ameaça, e a resposta é recusa firme.

O bordão síntese (t=114–120: 'Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação') fecha a narrativa com contraste retórico claro (promessa vazia vs. ação concreta), mas aqui começa o problema estrutural: o CTA é fraco e implícito. A frase 'Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo' (t=120) promete continuidade futura, mas não convida explicitamente ao voto ou apoio. Para um público-alvo que é a base maranhense de PT, essa implicitação funciona — o público entende que 'fará de novo' significa candidatura e reeleição — mas deixa a peça orfã de um pedido claro que colha o que os gatilhos plantaram.

A integridade do lastro é alta: 85% dos gatilhos centrais são lastreados em fatos verificáveis (trajetória de Rubens, políticas implementadas, escala 6x1 em legislação trabalhista, confronto com blindagem/anistia). Os 15% retóricos (similaridade com trabalhador, slogan de campanha) são secundários e servem à síntese, não ao pivô do argumento. Não há escassez artificial, prova social não verificável ou autoridade apenas simbólica sustentando o argumento — a menção a Lula (t=120: 'o federal do Lula') é endosso real, não fictício, e funciona como prova social legítima para o público-alvo.

A persuasão é sentida mas não explícita demais. O formato em cordel + forró mascara a técnica persuasiva sob a forma cultural, tornando-a quase invisível — o público não sente que está sendo persuadido, mas que está ouvindo uma história cantada. Os 'Ah, ah!' repetidos (t=130–242) funcionam como convite à participação, não como cutucão exagerado. A única saturação detectada é no final: as 57 repetições do refrão vocálico, embora memoráveis, começam a perder intensidade após a 30ª repetição e podem gerar fadiga em consumo linear. Para rádio ou evento ao vivo, isso funciona (o público canta junto e a repetição reforça); para vídeo digital, o risco de abandono aumenta.

O que falta é um CTA direto e temporalmente situado. A peça não diz 'vote em Rubens', 'compareça no comício', 'compartilhe este vídeo' ou qualquer ação específica. Para um jingle de pré-campanha dirigido à base maranhense, essa ausência é menos crítica — o público já sabe que é material de apoio — mas reduz o fechamento do sistema. A sugestão de reestruturação é inserir, após o bordão síntese (t=120) e antes do refrão final, uma frase de CTA breve e rimada que mantenha o tom: algo como 'Rubens Pereira, vota em quem faz, não em quem promete' ou 'Maranhão, é hora de escolher de novo'. Isso manteria a forma cordel, reforçaria o pedido implícito e fecharia o loop persuasivo sem quebrar a imersão cultural.

**Dimensões:** D1: 5/5 · D2: 4.5/5 · D3: 4.5/5 · D4: 4/5 · D5: 2.5/5

**Penalidades:** CTA ausente ou implícito demais (–0,5): frase final 'Fez e fará de novo' promete ação futura mas não convida explicitamente ao voto ou apoio; para público-alvo de base, funciona por contexto, mas deixa pedido órfão; Repetição do refrão 'Ah, ah!' até fadiga (–0,5): 57 repetições (t=130–242) são memoráveis em contexto ao vivo, mas em consumo linear digital geram risco de abandono após 30ª repetição

#### **Evidências:**

- [0:11] "Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão. [...] Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Narrativa de jornada do herói (origem humilde, confronto com adversidade, escolha moral) que funciona como pivô emocional e identitário; lastreada em trajetória real de Rubens Pereira Jr.
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de 6 realizações concretas em políticas públicas (cotas, saúde, segurança, impostos) que reduz incerteza e funciona como moeda de troca com eleitor; todas verificáveis
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Gatilho de indignação + fraqueza antes da força: denúncia de injustiça sistêmica (blindagem, anistia para poderosos) seguida de recusa moral do candidato; cria pico emocional que contrasta com integridade
- [0:00] "Estrutura geral em cordel: rimas AABB/ABAB, métrica de 8-10 sílabas, ritmo de forró constante; violão dedilhado melancólico que se transforma em forró alegre." — Formato

cultural nordestino mascara técnica persuasiva sob forma tradicional, tornando-a quase invisível; ativa mecanismo de agir\_junto (cantar/repetir) e memorabilidade

- [2:00] "Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo." — CTA implícito que promete continuidade futura; para público-alvo de base maranhense funciona por contexto, mas não convida explicitamente a ação específica (voto, apoio, compartilhamento)
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetidos 57 vezes (130s–242s), intercalados com música de forró." — Jingle com refrão vocálico repetitivo que convida à participação coletiva; memorável em contexto ao vivo, mas risco de fadiga em consumo linear digital após 30ª repetição

**Sugestão:** Inserir CTA direto e rimado após o bordão síntese (t=120), antes do refrão final, mantendo tom cordel: ex. 'Rubens Pereira, vota em quem faz, não em quem promete' ou 'Maranhão, é hora de escolher de novo'. Isso fecha o loop persuasivo (credibilidade → emoção → ação) sem quebrar imersão cultural e transforma o pedido implícito em convite explícito que colhe o que os gatilhos plantaram. Para consumo digital, considerar reduzir refrão final para 20–30 repetições de 'Ah, ah!' e inserir fade-out gradual, preservando memorabilidade sem fadiga.

## **N6 — Identidade & Tribo — nota 7/10**

O jingle constrói um 'nós' fundamentalmente narrativo e territorial, não hostil. O pertencimento é afirmado através de três camadas sobrepostas: (1) identidade regional — Maranhão, São Luís, forró como linguagem do corpo coletivo; (2) identidade de classe — trabalhador, gente que 'nasceu pra respirar', aquele que 'viu miséria e dor'; (3) identidade moral — o homem que 'não se vende, não teme', que 'disse não duas vezes'. A peça não nomeia um inimigo externo; em vez disso, constrói o 'nós' por afirmação de valores compartilhados e por contraste com uma estrutura de injustiça ('blindagem pra poderoso', 'anistia pra culpado') que o candidato recusa. Isso é pertencimento por adesão, não por hostilidade.

O 'nós' é encarnado em Rubens Pereira Jr — gente comum com nome, origem nomeada ('menino de São Luís'), trajetória vivida ('viu riqueza e viu miséria'). Ele não é porta-voz de uma tribo abstrata; é membro dela, elevado por ação concreta, não por nascimento ou privilégio. Essa é a tecnologia de pertencimento mais potente aqui: o protagonista é um dos nossos que provou sua lealdade através de atos verificáveis (cotas no ensino, piso da saúde, escala 6x1, recusa de blindagem). O público não aparece como massa passiva — aparece como beneficiário nomeado de políticas específicas ('sonhador', 'cuidador', 'gente trabalhadora'), e a enumeração de ganhos (52–74s: 'garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador... defendeu descanso justo, tempo livre pra abraçar') funciona como moeda de troca que reforça reciprocidade.

A jornada de comunidade que a peça trabalha é a transição de 'curioso/simpatizante' para 'ativo/conectado'. Não busca atrair indiferentes — assume que o público-alvo (população maranhense, base petista) já conhece o candidato ou está predisposto. O que faz é reforçar identidade e oferecer munção narrativa (bordão: 'não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação'). A repetição de 'Ah, ah!' por 57 vezes (130–242s) é convite à co-criação sonora — cantar junto, memorizar, compartilhar. Isso move o público de 'ouve' para 'participa', ainda que de forma leve.

A tecnologia de pertencimento é forte: o nome 'Rubens' é repetido uma única vez (107s: 'Rubens disse não'), mas a identidade é construída por símbolos — viola, forró, Maranhão, São Luís, guerreiro, trabalhador. O formato cordel + forró é ritual de reconhecimento cultural; quem cresce no Nordeste reconhece a forma antes de ouvir o conteúdo. Não há bordão único memorável além do slogan (114–120s), mas a métrica e a rima funcionam como bordão estrutural — a peça é feita para ser cantada, repetida, transmitida oralmente. Isso é tecnologia de pertencimento: a forma é o ritual.

A qualidade da fronteira é afirmativa e não cimentada por hostilidade. Quando a peça menciona 'os grandes que só lutam por poder' (41s) ou 'blindagem pra poderoso' (102s), não deshumaniza — descreve conduta, não essência. O adversário não é nomeado, não é um 'eles' rotulado. A fronteira é entre 'quem escolheu o trabalhador' e 'quem escolheu o poder', entre 'quem diz não' e 'quem se vende'. Essa é uma fronteira de valores, não de identidade tribal hostil. O risco aqui é baixo: a peça não convida à agressão, convida à lealdade.

Há, porém, uma fraqueza estrutural: a peça não convida o público a *fazer* nada além de cantar. Não há CTA (call-to-action) detectado — nenhum 'vote em', 'compartilhe', 'traga um amigo'. O 'Fez e fará de novo' (120s) é promessa de continuidade, não convite à participação. Para uma peça de pré-campanha em contexto de reeleição, isso é adequado — o objetivo é reforçar identidade e narrativa, não mobilizar voto imediato. Mas se o objetivo evoluir para mobilização, a peça precisará de um segundo ato que traduza pertencimento em ação.

Outra observação: a peça fala *sobre* o povo, não *com* o povo. A densidade de 'você' é 0.22 por 100 palavras — muito baixa. A razão eu/você é 1 (foco no público, não no emissor), mas a peça não dialoga direto. Isso é coerente com o formato cordel, que é narrativa, não interpelação. Mas significa que o pertencimento é construído por identificação ('ele é como nós'), não por inclusão direta ('você é um de nós'). Essa é uma escolha estilística válida para o público-alvo — maranhenses que consomem cordel esperam narrativa, não diálogo.

A sequência dor → alívio está presente e é motor de decisão: 'viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor' (30s) → 'garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador' (58s). Essa estrutura emocional reforça o pertencimento — 'ele sofreu como nós, e agora age por nós'. O absolutismo é baixo (0.22/100), o que significa que a peça não faz afirmações extremas; usa linguagem flexível ('abre o porta', 'defendeu', 'fez lei'). Isso reduz risco de desmentida e aumenta credibilidade.

Para fortalecer a construção de comunidade ativa, a peça poderia adicionar um segundo verso (ou um jingle complementar) que nomeie ações do público: 'Rubens fez sua parte, agora é nossa vez / Leva essa história pro seu vizinho, pro seu amigo, pra quem você quer bem'. Isso manteria o tom narrativo, preservaria o formato, mas traduziria pertencimento em agir\_junto com consequência real. Alternativamente, a peça poderia terminar com uma pergunta retórica que convida à reflexão coletiva: 'Quem mais escolheu o trabalhador como ele?', criando loop de curiosidade que mobiliza o público a buscar resposta (e encontrar: 'nós').

**Dimensões:** D1: 4.5/5 · D2: 4/5 · D3: 4/5 · D4: 3.5/5 · D5: 4.5/5



**Penalidades:** -0,5: nenhum CTA detectado — peça convida à participação sonora (cantar), mas não a ação com consequência real (voto, compartilhamento, mobilização). Adequado para pré-campanha, mas limita transição de 'conectado' para 'núcleo ativo'.; -0,5: densidade de 'você' muito baixa (0.22/100) — peça fala sobre o público, não com ele. Reduz sensação de inclusão direta, ainda que coerente com formato cordel.

#### **Evidências:**

- [0:07] "Homem do lado do povo." — Estabelece fronteira identitária inicial: candidato é membro do 'nós', não porta-voz externo. Marca pertencimento por posicionamento, não por nascimento.
- [0:30] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Protagonismo do público: Rubens é nomeado, localizado (São Luís), humanizado (viu dor). Escolha moral ('escolheu o trabalhador') é ato de pertencimento ao 'nós', não concessão a ele.
- [0:58] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador." — Enumeração de ganhos concretos para grupos vulneráveis nomeados (sonhador, cuidador). Reciprocidade: ação do candidato = moeda de troca que reforça pertencimento do público.
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Fronteira afirmativa, não hostil: adversário não é nomeado/deshumanizado. Contraste é entre condutas (recusa moral) e estruturas (injustiça), não entre tribos. Reforça identidade por valor, não por inimizade.
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Bordão de campanha que sintetiza identidade: ação concreta > promessa vazia. Memorável, repetível, oferece munição narrativa ao público para defender candidato.
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetidos 57 vezes (130–242s), intercalados com música de forró." — Convite à co-criação sonora: público passa de 'ouve' para 'participa' (cantar junto). Tecnologia de pertencimento: forma é ritual cultural (forró nordestino) que mobiliza corpo e memória coletiva.
- [2:00] "Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo." — Reafirmação de pertencimento territorial (Maranhão) e de continuidade de ação. Associação com Lula = endosso de liderança maior (prova social com lastro real). Promessa de futuro compartilhado.

**Sugestão:** Adicione um segundo verso ou jingle complementar que traduza pertencimento em ação nomeada: 'Rubens fez sua parte, agora é nossa vez / Leva essa história pro seu vizinho, pro seu amigo, pra quem você quer bem'. Mantém tom narrativo e formato cordel, mas cria CTA com consequência real (compartilhamento, mobilização) e aumenta densidade de 'você', movendo o público de 'conectado' para 'núcleo ativo'. Alternativamente, termine com pergunta retórica ('Quem mais escolheu o trabalhador como ele?') que crie loop de curiosidade e convide à reflexão coletiva.

#### **N7 — Validação & Posição Relacional — nota 6/10**

O jingle opera em registro de validação narrativa, não de validação relacional. A peça constrói uma história heroica sobre Rubens Pereira Jr — origem humilde em São Luís, confronto com adversidade, escolha moral pelo trabalhador, resistência a pressão política — e a entrega como prova de valor. Porém, em nenhum momento o emissor (a voz que canta, o cordel) demonstra que *vê, entende ou se importa com a experiência vivida pelo público maranhense*. Em vez disso, a estrutura é: aqui está quem ele é, aqui está o que ele fez. A validação que ocorre é do candidato pelo público implícito ("Homem do lado do povo", "Fez e fará de novo"), não do público pelo candidato.

Isso não é necessariamente um defeito em um jingle de pré-campanha dirigido à base do PT no Maranhão — o objetivo é reforço de pertencimento e mobilização interna, não persuasão de indecisos. Mas a lente de validação relacional revela uma lacuna: a peça não oferece ao eleitor maranhense um espelho de sua própria dor ou esperança *antes* de pedir apoio. Os trechos que mais se aproximam dessa estrutura são "viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor" (t: 30s) e "gente trabalhadora também nasceu pra respirar" (t: 95s), mas ambos funcionam como *justificativa da escolha do candidato*, não como reconhecimento da experiência do público. O público é mencionado em terceira pessoa ("o trabalhador", "quem é cuidador", "gente trabalhadora") ou como beneficiário de ações passadas ("abre o porta ao sonhador", "defendeu descanso justo"), nunca como sujeito que fala ou que é escutado.

A sequência estrutural é, portanto, propor → (validação indireta). O candidato é validado pela narrativa; o público é convidado a validá-lo em retorno. Há reciprocidade implícita ("fez serviço de valor", "garantiu cota", "defendeu descanso justo"), mas não há escuta prévia. Isso funciona bem para reforço de voto já decidido — o eleitor que já apoia o PT reconhece-se nas políticas enumeradas e sente pertencimento ao grupo que "escolheu o trabalhador". Mas para um eleitor em dúvida ou crítico, a ausência de validação inicial ("sei que você está cansado de promessas vazias", "você viu seus filhos sem oportunidade") deixa a peça vulnerável: ela não oferece ponte emocional de entrada.

A especificidade da validação é baixa. O cordel usa vocabulário concreto e regional ("viola", "Maranhão", "São Luís", "forró"), o que cria ancoragem cultural forte. Mas não espelha as palavras exatas do público sobre sua própria experiência. Não nomeia o não-dito — a raiva contra a blindagem de poderosos é nomeada ("Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar", t: 102s), mas como indignação do candidato, não como reconhecimento de que o público também sente isso. A empatia é demonstrada através da ação histórica ("Rubens disse não duas vezes"), não através de rotulação congruente da emoção compartilhada no presente.

A empatia com lastro existe, mas é assimétrica. O candidato é descrito com emoção e vulnerabilidade ("menino de São Luís", "viu miséria", "viu dor"), e há autorrevelação implícita ("escolheu o trabalhador"). Mas essa autorrevelação não é a serviço do público — é a serviço da construção de credencial do candidato. O público não é convidado a compartilhar sua própria história; é convidado a reconhecer-se na história do candidato.

Não há invalidação direta do público. O cordel não minimiza, moraliza ou envergonha o eleitor maranhense. Mas há uma forma sutil de invalidação: a ausência de reconhecimento. Quando a peça enumera realizações ("garantiu cota no ensino", "honrou quem é cuidador", "defendeu descanso justo"), está implicitamente dizendo "você recebeu isso de mim", não "você pediu isso e eu ouvi". A agência fica com o candidato; o público é objeto de benefício, não sujeito de demanda.

A congruência autêntica entre verbal e não-verbal é forte. O tom emotivo da voz (descrito como "tom emotivo" no mapa sonoro, t: 1.5–10s), o ritmo de forró que começa melancólico e se torna alegre, a estrutura de cordel que é forma tradicional nordestina — tudo isso conta a mesma história: "sou um de vocês, conheço essa dor, agora celebramos juntos". Não há incongruência visível; há, sim, uma escolha de gênero (cordel + forró) que é autêntica ao contexto regional e ao público-alvo.

Para a lente de validação relacional, a peça está em faixa 5–6: válida com especificidade cultural antes de propor, mas não valida a experiência do público — valida a história do candidato. Isso é apropriado para um jingle de reforço de base, mas deixa a peça frágil se o objetivo fosse persuasão de indecisos ou abertura de diálogo com críticos.

Sugestão concreta de reestruturação: inserir, entre o t: 30s ("conheceu os dois Brasis") e o t: 34s ("escolheu o trabalhador"), um verso que nomeie a experiência do público em primeira pessoa ou segunda pessoa — por exemplo: "Você também viu essa luta, você também quer respirar / Rubens viu, Rubens ouviu, Rubens veio pra lutar". Isso criaria a sequência validar → propor, em vez de propor → validar indireta. A mudança seria mínima (4–6 segundos de áudio), mas transformaria a dinâmica relacional.

**Dimensões:** D1: 3/5 · D2: 3/5 · D3: 3/5 · D4: 5/5 · D5: 5/5

**Penalidades:** Validação genérica do público (ausência de espelhamento de vocabulário ou situação específica do eleitor; validação ocorre sobre o candidato, não sobre a audiência) — -0,5;

Autorrevelação autocentrada (a história pessoal de Rubens serve à construção de sua credencial, não ao reconhecimento da experiência do público) — -0,5

### **Evidências:**

- [0:30] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Demonstra que a validação ocorre sobre a jornada do candidato ("fez", "viu", "escolheu"), não sobre o reconhecimento da experiência do público. A estrutura é narrativa heroica, não escuta relacional.
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de realizações que implicitamente valida o candidato como agente, não o público como sujeito que pediu ou que é escutado. O público aparece em terceira pessoa ("quem é cuidador", "quem vivia apertado") como beneficiário, não como interlocutor.

- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Indignação é nomeada, mas como ação do candidato ("disse não"), não como reconhecimento de que o público também sente essa raiva. A validação da emoção fica implícita, não explícita.
- [1:35] "Porque gente trabalhadora também nasceu pra respirar." — Único verso que toca na experiência do público (respirar, viver com dignidade), mas funciona como justificativa da luta do candidato, não como reconhecimento de que o público já está respirando ou sufocado. Validação indireta.
- [0:01] "Homem do lado do povo." — Marca identitária que cria pertencimento ("nós"), mas não valida a experiência do público — apenas o posiciona como beneficiário da lealdade do candidato.

**Sugestão:** Inserir entre t: 30s e t: 34s um verso que nomeie a dor do público em primeira ou segunda pessoa (ex.: 'Você também viu essa luta, você também quer respirar / Rubens viu, Rubens ouviu, Rubens veio pra lutar'), criando a sequência validar-público → propor-candidato. Isso manteria a autenticidade regional e o reforço de base, mas abriria a peça para diálogo relacional com indecisos.

## **N8 — Clareza & Carga Cognitiva — nota 8/10**

Este jingle de pré-campanha funciona como uma narrativa de cordel que constrói a identidade política de Rubens Pereira Jr. através de uma sequência de imagens concretas e emocionalmente ancoradas, dirigida especificamente à população maranhense. O mecanismo central é a justaposição entre vulnerabilidade vivida ("viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor", 30s) e ação transformadora (enumeração de políticas públicas entre 52s e 74s), criando um arco de credibilidade que funciona bem para o público-alvo porque não promete salvação abstrata, mas narra escolhas morais concretas e realizações verificáveis.

A fluência perceptiva é alta: o cérebro não tropeça. As frases são curtas (média de 3,4 palavras), o vocabulário evita jargão técnico-burocrático, e a métrica de cordel com ritmo de forró cria uma redundância rítmica que facilita memorização sem exigir esforço cognitivo. Uma pessoa de atenção parcial capta a mensagem central em uma passada: "homem que veio de baixo, viu os dois Brasis, escolheu o trabalhador, fez coisas concretas, resistiu a pressão, vai continuar". Não há colisão entre texto e narração porque não há texto na tela — apenas áudio e música colaboram, reforçando-se mutuamente.

A unicidade da mensagem é forte. Embora haja múltiplas realizações enumeradas (cotas, saúde, segurança, impostos, escala 6x1), todas servem a uma ideia dominante: este é um homem de luta que transforma promessas em entrega. O bordão "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação" (114s–120s) funciona como síntese fechada que recolhe toda a narrativa anterior. Não há competição de mensagens; há hierarquia clara.

A concretude lexical é notável. O discurso gera imagens: "menino de São Luís", "viola", "guerreiro", "viu riqueza e miséria", "bateu de frente com os grandes", "cota no ensino", "piso da saúde", "crime

organizado", "escala seis por um", "tempo livre pra abraçar". Cada uma dessas palavras ativa uma cena ou uma sensação no ouvinte maranhense. Não há abstrações dominantes; o discurso é feito de coisas que se veem, se tocam, se vivem. Isso é particularmente eficaz para o público-alvo porque a população maranhense, especialmente a trabalhadora, reconhece essas imagens como suas.

A carga simultânea é bem gerida. O áudio é o único canal durante 242 segundos — não há competição visual, não há telas lotadas, não há mais de um estímulo por momento. A música entra e sai em pontos de transição narrativa, nunca colidindo com a fala. Os 57 "Ah, ah!" repetidos entre 130s e 242s funcionam como um jingle de refrão que convida à participação coletiva (cantar junto), reduzindo ainda mais a carga cognitiva porque transforma o ouvinte em co-produtor.

Há, porém, uma fragilidade estrutural: o jingle não contém um call-to-action explícito. Entre 0s e 242s, não há um pedido direto ("vote em", "compareça em", "compartilhe"). A peça é narrativa pura, sem transição para ação. Para o contexto de pré-campanha e público-alvo maranhense, isso não é necessariamente um defeito — a função aqui é construir familiaridade e legitimidade, não converter em voto imediato. Mas deixa a peça em estado de "abertura": o ouvinte sai com admiração, não com instrução. Se o objetivo fosse mobilização imediata, seria crítico.

Outra observação: a densidade de informação é confortável (111 palavras/min), mas a duração total (242 segundos) é longa para um jingle de pré-campanha. Isso não prejudica a fluência — o ritmo constante de forró mantém a atenção — mas reduz a reutilizabilidade em plataformas de vídeo curto (TikTok, Reels, Stories). Se a peça for distribuída em plataformas de consumo rápido, recomenda-se editar para 30–60 segundos, mantendo a narrativa de origem ("menino de São Luís" até "escolheu o trabalhador") e o bordão final, cortando a enumeração de políticas (que é importante para público já mobilizado, menos para descoberta).

O gatilho de "agir junto" (os 57 "Ah, ah!") é potente para o público-alvo porque o forró é dança coletiva — o refrão vocálico convida o maranhense a cantar, a repetir, a fazer seu. Isso cria uma sensação de pertencimento que não é retórica, é corporal. Combinado com o território (Maranhão, São Luís) e a narrativa de jornada do herói (origem humilde → confronto → escolha moral → ação), a peça funciona como um ritual de reafirmação identitária para a base.

O risco maior é a monotonia auditiva. Sem variação de tom, sem silêncios dramáticos, sem mudanças de ritmo, o ouvinte casual pode desligar após 60–90 segundos. Para mitigar, recomenda-se: (1) inserir uma pausa de 1–2 segundos após o bordão (114s–120s), criando um ponto de respiração que marca a transição para o refrão; (2) reduzir os "Ah, ah!" de 57 para 20–25, mantendo o efeito de participação sem fadiga auditiva; (3) se houver versão visual, adicionar cortes ou mudanças de cena a cada 15–20 segundos para quebrar a monotonia visual.

**Dimensões:** D1\_fluencia\_geral: 4.5/5 · D5\_carga\_simultanea: 4.5/5 · D3\_densidade\_formato: 3.5/5 · D2\_unicidade\_mensagem: 4.5/5 · D4\_concretude\_lexical: 5/5

**Penalidades:** Sem CTA explícito (–0,5): jingle narrativo puro, sem pedido direto de ação; adequado para pré-campanha, mas deixa a peça aberta; Duração excessiva para plataformas curtas (–0,5): 242s é longo para TikTok/Reels; risco de abandono em consumo rápido; Monotonia auditiva (–0,5):

sem variação de tom, sem silêncios dramáticos, sem mudanças de ritmo; 57 'Ah, ah!' repetidos podem causar fadiga

### **Evidências:**

- [0:30] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Núcleo narrativo de jornada do herói: origem humilde, confronto com adversidade, escolha moral. Gera imagem concreta e ativa identificação emocional com público maranhense.
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de realizações concretas (6 políticas públicas) que funcionam como moeda de troca com eleitor; cada item é verificável e relevante para trabalhador maranhense.
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Bordão de síntese que recolhe toda a narrativa anterior em frase repetível; marca unicidade da mensagem e funciona como slogan de campanha.
- [2:10] "Sequência de 57 'Ah, ah!' intercalados com música de forró (130s–242s)." — Gatilho de 'agir junto': refrão vocálico que convida participação coletiva; ancoragem cultural (forró é dança coletiva) cria pertencimento corporal, não apenas retórico.
- [0:01] "Homem do lado do povo." — Abertura que estabelece fronteira identitária e marcador de pertencimento ao grupo; fraseado simples (3 palavras) facilita memorização imediata.

**Sugestão:** Para maximizar fluência e reutilizabilidade: (1) Criar versão curta de 45–60s (manter origem até 'escolheu o trabalhador' + bordão final + 15 'Ah, ah!') para plataformas de vídeo curto, preservando a narrativa de jornada; (2) Inserir pausa de 1,5s após o bordão (120s) para criar ponto de respiração e marcar transição para refrão, quebrando monotonia auditiva; (3) Se houver versão visual, adicionar cortes ou mudanças de cena a cada 15–20s para evitar fadiga visual. Manter a versão completa (242s) para rádio e eventos ao vivo, onde a duração e o refrão participativo são vantajosos.

### **N9 — Formato & Plataforma — nota 7/10**

A peça é um jingle de pré-campanha em formato de cordel nordestino que funciona como narrativa de legitimação política. Seu mecanismo central é a justaposição entre a estética cultural nativa (forró, viola, métrica de cordel) e a mensagem de pertencimento ao povo, criando uma ancoragem que atravessa o filtro anti-anúncio porque não se apresenta como peça publicitária, mas como expressão cultural autêntica. O público-alvo declarado (população maranhense) reconhece imediatamente os marcadores territoriais (Maranhão, São Luís) e o gênero musical como seus, o que reduz drasticamente a percepção de manipulação — a peça não parece feita para vender, parece feita para contar.

A narrativa segue o arquétipo do herói popular: origem humilde (menino de São Luís), confronto com adversidade (viu riqueza e miséria), escolha moral (escolheu o trabalhador) e ação concreta



(enumeração de realizações em políticas públicas). Este arco é ativado desde o início (t=11–34: "Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão. [...] Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador"), criando identificação imediata com o eleitor que se vê como parte do mesmo grupo social. A sequência dor-alívio está presente: a narrativa reconhece sofrimento ("viu promessa e viu dor", "crime organizado", "quem vivia apertado") e o vincula a ações de resolução (cotas, saúde, segurança, alívio fiscal), ativando o motor de decisão baseado em esperança de ganho.

O consumo sem som é funcional, mas com ressalva importante: a peça é fundamentalmente áudio-dependente. A narrativa é integralmente transmitida pela voz do cantor em tom emotivo, e embora a métrica de cordel seja memorável, não há texto de apoio visual descrito nos insumos. Para consumo em feed (onde o vídeo começa mudo), a peça perderia sua força narrativa nos primeiros segundos — o violão dedilhado inicial (t=0–1) é belo mas não comunica a mensagem política. Isso representa um risco de abandono antes do gancho (t=1.5: "Homem do lado do povo").

A saliência e congruência sensorial funcionam bem: o elemento mais chamativo em cada momento é a voz do cantor, que coincide com o conteúdo narrativo. A trilha (forró constante) reforça a emoção de pertencimento e celebração, não contradiz. A paleta sonora (violão + percussão + voz emotiva) é congruente com a mensagem de autenticidade popular. Não há colisão entre narração e música — ambas trabalham em harmonia.

A posição do essencial está bem calibrada: a mensagem-chave ("Homem do lado do povo") aparece cedo (t=1.5–7), após um gancho musical breve. As realizações concretas (t=52–74) vêm no meio, mas são enumeradas com ritmo que mantém atenção. O fechamento (t=114–120: "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação") é um bordão repetível que sintetiza a proposta e reforça a credencial. A sequência de "Ah, ah!" (t=130–242) funciona como jingle memorável que convida à participação coletiva — este é o elemento de "agir junto" mais forte da peça.

O CTA é o ponto crítico de fraqueza. Não há call-to-action explícito e visível. A frase "Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo" (t=120) é uma promessa de continuidade, mas não um pedido de ação. Para uma peça de pré-campanha em contexto de feed ou plataforma de atenção, a ausência de CTA nativo ("vote em", "compartilhe", "saiba mais", com link ou gesto claro) é uma lacuna. O jingle memorável compensa parcialmente (o público sairá cantando o nome), mas em termos de design de conversão, a peça não fecha o loop.

A estética atravessa o filtro anti-anúncio com sucesso. A produção é crua e pessoal (voz de cantor, não locutor corporativo; métrica tradicional, não jingle polido), e o fato de ser um cordel — gênero de tradição oral e popular — funciona como credencial de autenticidade. Não há vinheta de logo no início, não há discurso institucional, não há dependência de contexto externo. A peça é autossuficiente e nativa do meio cultural do público-alvo.

O tom é congruente com o objetivo: não é agressivo nem divisivo (não há exogrupo desumanizado), mas é firme e assertivo. A indignação aparece (t=102–107: "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes"), mas é

direcionada a condutas (blindagem, anistia) e não a essências de grupos. Isso mantém a peça dentro de um registro que mobiliza a base sem alienar persuadíveis.

Para otimização nativa: a peça ganharia significativamente com a adição de um CTA visual e sonoro claro nos últimos 10 segundos. Sugestão concreta: após o último "Ah, ah!" (t=242), inserir uma frase curta e direta ("Vote em Rubens Pereira — deputado do povo") com sobreposição de texto legível em contraste alto, mantendo o ritmo de forró ao fundo. Isso fecharia o loop persuasivo sem quebrar a estética nativa — seria uma instrução clara, não um anúncio. Alternativamente, se a peça for distribuída em TikTok ou Instagram Reels, adicionar um sticker de votação ou link de engajamento no topo do vídeo (gesto nativo da plataforma) resolveria a lacuna de CTA sem editar o áudio.

**Dimensões:** D1: 4.5/5 · D2: 4.5/5 · D3: 3.5/5 · D4: 4.5/5 · D5: 4/5 · D6: 1.5/5

**Penalidades:** CTA ausente (–0,5): nenhum call-to-action explícito, visível ou nativo da plataforma detectado; peça não fecha loop de conversão; Consumo sem som comprometido (–0,5): narrativa integralmente dependente de áudio; gancho visual nos primeiros 1,5s insuficiente para reter em feed mudo; risco de abandono antes da mensagem-chave

#### **Evidências:**

- [0:01] "Homem do lado do povo." — Mensagem-chave posicionada cedo, após gancho musical breve; estabelece identidade de grupo e pertencimento imediato
- [0:11] "Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão. [...] Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Ativa arquétipo de herói popular com origem humilde, confronto com adversidade e escolha moral; cria identificação com público-alvo maranhense através de ancoragem geográfica específica
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de realizações concretas que ativa sequência dor-alívio (reconhece sofrimento, vincula a ações de resolução); funciona como moeda de troca com eleitor
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Indignação direcionada a condutas (blindagem, anistia), não a essências; demonstra integridade moral sob pressão; mantém registro mobilizador sem alienar
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Bordão repetível que sintetiza proposta e reforça credencial de ação concreta; memorável e nativo do gênero cordel
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetidos 57 vezes (t=130–242), intercalados com música de forró." — Jingle vocálico que convida participação coletiva (agir junto); elemento mais forte de memorabilidade e engajamento participativo; compensa parcialmente ausência de CTA verbal
- [0:00] "Estrutura geral em cordel: rimas AABB/ABAB, métrica de 8-10 sílabas, ritmo de forró constante." — Formato cultural nativo (cordel + forró) atravessa filtro anti-anúncio porque é

reconhecido como expressão autêntica, não como peça publicitária; reduz percepção de manipulação

- [2:00] "Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo." — Associação com figura de autoridade política (Lula) como endosso implícito; promessa de continuidade, mas não CTA explícito — lacuna de conversão

**Sugestão:** Adicionar CTA visual e sonoro nos últimos 10 segundos: após o último 'Ah, ah!' (t≈242), inserir frase curta ('Vote em Rubens Pereira — deputado do povo') com texto legível em contraste alto, mantendo forró ao fundo. Alternativamente, se em TikTok/Reels, usar sticker nativo de votação ou link no topo do vídeo. Isso fecha o loop persuasivo sem quebrar a estética nativa. Secundariamente, considerar inserir texto de apoio visual nos primeiros 3 segundos para consumo em feed mudo (ex.: sobreposição do nome + cargo durante o gancho musical inicial).

## **P1 — Tipo de Voto Alvo — nota 7/10**

A peça é um jingle de pré-campanha em formato de cordel nordestino que busca mobilizar a base convencida e o voto brando favorável da população maranhense. O alvo implícito é inequívoco: eleitor que já simpatiza com a esquerda, valoriza identidade regional nordestina e reconhece Rubens Pereira Jr como figura política local. A linguagem confirma isso — não há didatismo de conversão, não há explicação de quem é o candidato para quem não sabe, não há ponte para o indeciso. Em vez disso, a peça assume que o ouvinte já conhece a trajetória e quer reafirmar pertencimento e segurança na decisão.

O mecanismo narrativo é potente: estrutura de cordel tradicional (rimas AABB, métrica de 8-10 sílabas, ritmo de forró) funciona como âncora cultural que diz 'isto é nosso, isto é para nós'. A melodia começa melancólica (violão dedilhado, 0-1s) e transita para forró alegre com entrada da percussão (1.5-10s), criando sequência dor → alívio que o próprio discurso replica: 'viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor' (30s) seguido de 'Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador' (34s). Essa justaposição de símbolo cultural (forró maranhense) com mensagem política (povo, trabalhador) reforça que apoiar Rubens é ato de identidade regional, não apenas voto.

A enumeração de realizações (52-74s: cotas no ensino, piso da saúde, lei contra facção, alívio de impostos) funciona como moeda de troca com eleitor já convencido — não precisa persuadir, precisa dar munção para que ele repita, compartilhe, justifique a decisão. O dado específico 'escala seis por um' (84.5-90s) é particularmente eficaz porque é concreto, verificável e toca diretamente a vida do trabalhador que ouve. A denúncia de injustiça ('blindagem pra poderoso se guardar, anistia apareceu pra culpado escapar') seguida de recusa moral ('Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar', 102-107s) ativa indignação e oferece resposta: há quem resista, há quem escolha o povo.

O bordão 'Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação' (114-120s) é síntese repetível que contrasta promessa vazia com ação concreta — exatamente o que a base convencida precisa para se sentir segura na decisão e para responder críticas de que 'todos são iguais'. A associação com Lula ('o federal do Lula', 120s) funciona como endosso de autoridade política maior, prova social com lastro real.

O refrão 'Ah, ah!' repetido 57 vezes (130-242s) é jingle puro: convida à participação coletiva, memorização, canto junto. Não é persuasão — é mobilização de base, criação de ritual de pertencimento. Quem canta junto já decidiu; o canto reafirma a decisão.

O problema estrutural é que a peça não tem CTA explícito (nenhum 'vote em', 'vá às urnas', 'compartilhe'). Para pré-campanha isso pode ser intencional — o objetivo pode ser apenas reafirmação narrativa, não conversão imediata. Mas há risco de desmobilização implícita: se o ouvinte não sabe o que fazer com a emoção gerada (compartilhar? votar? ir a evento?), a energia se dissipa. A peça também não constrói 'nós' explícito — fala do candidato em terceira pessoa ('Rubens', 'ele', 'homem do lado do povo') mais do que 'nós, juntos'. Para base convencida isso é menos crítico, mas reduz o senso de agência coletiva.

O código é calibrado corretamente ao público-alvo declarado: não há jargão burocrático, há referências regionais (Maranhão, São Luís, forró), há linguagem de luta e resistência que ressoa com eleitor de esquerda, há concretude (cotas, saúde, impostos, escala 6x1). Nenhum desses elementos expulsa o não-convertido porque a peça não pretende converter — pretende mobilizar quem já está dentro. A função entregue é exatamente a que o público brando favorável precisa: segurança na decisão, munição narrativa, reafirmação de identidade.

Para maximizar o impacto, a peça ganharia com: (1) um CTA transitório suave no final, tipo 'compartilhe essa história' ou 'Rubens Pereira Jr — federal do Maranhão' como chamada de ação implícita antes do refrão final; (2) uma frase que construa 'nós' explícito, tipo 'Nós escolhemos o trabalhador' ou 'Com Rubens, a gente segue em frente', que transformasse a narrativa de terceira pessoa em convocação coletiva; (3) redução do refrão repetido (57 vezes é excessivo mesmo para jingle — 20-30 seria mais memorável sem cansar).

**Dimensões:** D1\_clareza\_alvo: 5/5 · D4\_funcao\_entregue: 4/5 · D2\_adequacao\_codigo: 5/5 · D3\_coerencia\_registro: 4/5

**Penalidades:** -0,5: CTA ausente ou extremamente implícito — para pré-campanha aceitável, mas reduz conversão de emoção em ação; -0,5: construção de 'nós' fraca — narrativa em terceira pessoa ('Rubens', 'ele') reduz senso de agência coletiva do eleitor

#### **Evidências:**

- [0:07] "Homem do lado do povo." — marca identitária que estabelece fronteira entre candidato e população, sinalizando pertencimento ao grupo-alvo
- [0:30] "viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — sequência dor → alívio que replica na narrativa a transição musical (melancolia → forró alegre); ativa indignação e oferece resolução moral
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — enumeração de 6 realizações concretas que funciona como munição narrativa para base convencida justificar decisão; cada item toca vida do trabalhador

- [1:24] "Pela escala seis por um, foi pra cima sem recuar, defendeu descanso justo, tempo livre pra abraçar." — dado específico e verificável que ancora promessa em realidade; toca diretamente vida do eleitor trabalhador
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — denúncia de injustiça sistêmica seguida de recusa moral do candidato; ativa indignação e oferece resposta de resistência
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — bordão repetível que contrasta promessa vazia com ação concreta; exatamente o que base convencida precisa para responder crítica de indiferenciação
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetidos 57 vezes intercalados com forró" — jingle puro que convida participação coletiva e memorização; não persuade, mobiliza e reafirma pertencimento
- [0:01] "Transição de violão dedilhado melancólico para forró alegre com percussão" — justaposição de símbolo cultural nordestino com mensagem política; reforça que apoiar Rubens é ato de identidade regional

**Sugestão:** Inserir CTA transitório suave antes do refrão final (ex: 'Compartilhe essa história' ou 'Rubens Pereira Jr — federal do Maranhão, sempre ao lado do povo') para converter emoção em ação. Reforçar construção de 'nós' com frase tipo 'Nós escolhemos o trabalhador' ou 'Com Rubens, a gente segue em frente' que transforme narrativa de terceira pessoa em convocação coletiva. Reduzir refrão repetido de 57 para 20-30 ocorrências para manter memorabilidade sem fadiga auditiva.

## **P2 — Quem Bate, Perde — nota 5/10**

A peça não contém crítica ou ataque a adversário, grupo, instituição ou política pública. O conteúdo é integralmente narrativo-laudatório: reconstrói a trajetória de Rubens Pereira Jr. através de um cordel musicado em forró, alternando entre a construção de arquétipo heroico (menino de origem humilde que viu miséria e riqueza, escolheu o trabalhador) e a enumeração de realizações programáticas (cotas de ensino, piso da saúde, lei contra facção, escala 6x1, alívio fiscal). A única passagem que se aproxima de crítica — 'Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar' (102–107s) — não ataca um adversário nomeado ou identificável, mas sim denuncia uma injustiça sistêmica abstrata ('poderoso', 'culpado') contra a qual o candidato se posiciona por recusa moral ('Rubens disse não duas vezes'). Essa estrutura de indignação + resposta heroica não é ataque ao oponente, mas reafirmação de caráter. Portanto, a lente P2 não é aplicável a este insumo: não há crítica ou ataque que justifique avaliação de tom, prova, sensacionalismo ou risco de o atacante perder credibilidade. A peça opera em registro de celebração identitária e mobilização emocional, não em registro de confronto.

**Dimensões:** D1: 5/5 · D2: 5/5 · D3: 5/5 · D4: 5/5 · D5: 5/5

**Penalidades:** Lente não aplicável: ausência de crítica ou ataque detectada. Todas as dimensões recebem nota máxima por não haver conteúdo a avaliar segundo os critérios de P2.

## Evidências:

- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Única passagem com tonalidade crítica; refere-se a injustiça sistêmica abstrata, não a adversário nomeado; estrutura-se como denúncia + resposta moral do candidato, não como ataque a oponente específico.
- [0:52] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador." — Enumeração de realizações programáticas; tom de celebração, não de crítica a rival ou gestão anterior.
- [0:11] "Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão." — Abertura narrativa que estabelece registro laudatório e de construção heroica, não crítico.

**Sugestão:** Lente P2 não se aplica. Recomenda-se análise com lentes de mobilização emocional, narrativa heroica ou construção de identidade política, que são os mecanismos centrais desta peça.

## P3 — Performance de Debate — nota 7/10

Este jingle de pré-campanha opera como narrativa de legitimação através da forma tradicional nordestina (cordel + forró), dirigida especificamente ao eleitorado maranhense. A peça constrói a figura de Rubens Pereira Jr. não como político abstrato, mas como personagem de jornada — o menino de São Luís que vivenciou pobreza e riqueza, escolheu o lado do trabalhador, e provou essa escolha através de atos concretos enumerados. A mensagem central — 'não é homem de promessa, é de luta e construção' (114–120s) — aparece uma única vez, no fechamento, e não retorna. Isso representa uma fraqueza estrutural: em peças de pré-campanha, a proposição central deveria ser reforçada no mínimo duas vezes, idealmente na abertura e no encerramento, para fixação em memória. A abertura ('Homem do lado do povo', 1–7s) é impactante e marca pertencimento, mas não enuncia a promessa de ação futura de forma explícita.

A concretude dos exemplos é o ponto forte. Não há abstrações genéricas: o orador nomeia políticas específicas (cotas no ensino, piso da saúde, lei contra facção, escala 6x1 para trabalhadores) e as ancora em beneficiários reais ('cuidador', 'sonhador', 'gente trabalhadora'). O dado 'escala seis por um' (84–90s) é verificável e funciona como prova de ação. A sequência dor-alívio está presente: 'viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor' (30s) seguida de 'escolheu o trabalhador' e depois a enumeração de ganhos concretos. Esse movimento emocional é motor de decisão.

A conduta não-verbal não é aplicável aqui (é áudio puro com música, sem decupagem visual), mas a prosódia é controlada: o tom emotivo inicial (violão melancólico) transita para forró alegre com entrada da percussão (7–10s), criando movimento de esperança. Não há sinais de exaltação, interrupção ou desdém — a voz mantém tom narrativo e cantado, apropriado ao formato.

Os dados citados são verificáveis ou razoavelmente ancorados em realidade política conhecida (cotas, piso de saúde, leis de segurança são políticas reais do período). Nenhum dado é temerário ou claramente falso. A referência a 'blindagem' e 'anistia' (102–107s) é crítica política legítima, e a



resposta 'Rubens disse não duas vezes' funciona como credencial de integridade — resistência a pressão do establishment.

O grande déficit é a ausência de call-to-action direto. A frase final 'Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo' (120s) é promessa de continuidade, mas não convida explicitamente ao voto, apoio ou compartilhamento. Em pré-campanha, isso é crítico: o jingle deve terminar com instrução clara ('vote em Rubens', 'compartilhe', 'converse com vizinhos'). A sequência de 'Ah, ah!' repetida 57 vezes (130–242s) é jingle memorável e convida à participação coletiva (cantar junto), mas sem âncora de ação política.

O formato cordel + forró é culturalmente apropriado ao público-alvo maranhense e funciona como prova de pertencimento — o candidato fala a língua do povo, literalmente. A rima e métrica são consistentes, facilitando memorização. Não há tecnicismo sem tradução; a linguagem é acessível (Flesch 122.3 indica leitura muito fácil).

A associação com Lula ('federal do Lula', 120s) é endosso implícito de autoridade, apropriado para eleitor petista, mas pode alienar eleitores indecisos ou de outras bases. Como o público-alvo declarado é 'população maranhense' (ampla), esse código de bolha é uma escolha que restringe alcance — adequada para mobilização de base, mas não para persuasão de flutuantes.

Para reestruturação prioritária: (1) Mover a mensagem central para a abertura, reformulada como promessa: 'Rubens não promete, constrói — o que fala vira entregue' (0–5s), antes do cordel narrativo. (2) Repetir a síntese no encerramento (após 'sempre ao lado do povo'), reforçando fixação. (3) Adicionar CTA explícito antes da sequência de 'Ah, ah!': 'Vote em Rubens Pereira Jr. para deputado federal — construtor do Maranhão' (115–120s), transformando o jingle em instrução clara de voto.

**Dimensões:** D3\_concretude: 5/5 · D2\_diretividade: 3/5 · D5\_solidez\_dados: 4/5 ·

D1\_mensagem\_central: 3/5 · D4\_conduta\_ao\_verbal: 4/5

**Penalidades:** –0,5: Mensagem central dita uma única vez (114–120s), não reforçada em abertura ou fechamento; esperado mínimo 2 repetições em pré-campanha; –0,5: Ausência de CTA direto; jingle termina com promessa vaga ('fará de novo') sem instrução explícita de voto ou ação; –0,5: Código de bolha ('federal do Lula') restringe alcance em público-alvo amplo (população maranhense inclui indecisos); apropriado para base, não para persuasão

#### **Evidências:**

- [0:01] "Homem do lado do povo." — Abertura impactante que marca pertencimento, mas não enuncia promessa de ação — deveria ser seguida de proposição central
- [0:30] "Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — Narrativa de jornada do herói com vulnerabilidade real (viu miséria, dor) — cria identificação com público maranhense e credencial moral
- [0:58] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou quem é cuidador. Na segurança foi firme contra o crime

organizado, fez lei contra a facção, sem discurso enfeitado. No imposto deu alívio a quem vivia apertado." — Enumeração de 6 realizações concretas e nomeadas (cotas, saúde, segurança, impostos) — prova de ação verificável, não promessa vazia

- [1:24] "Pela escala seis por um, foi pra cima sem recuar, defendeu descanso justo, tempo livre pra abraçar." — Dado específico (escala 6x1) verificável; conquista trabalhista com justificativa humanitária ('gente trabalhadora também nasceu pra respirar')
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — Denúncia de injustiça sistêmica com resposta de recusa moral — credencial de integridade sob pressão
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — Mensagem central única (síntese repetível), mas aparece apenas uma vez — deveria ser reforçada em abertura e fechamento
- [2:10] "Sequência de 'Ah, ah!' repetida 57 vezes (130–242s), intercalados com música de forró." — Jingle memorável que convida participação coletiva (cantar junto), mas sem âncora de ação política — falta CTA explícito
- [0:07] "Violão dedilhado melancólico → forró alegre com percussão (7–10s)" — Transição prosódica de dor para esperança; movimento emocional apropriado, sem exaltação ou irritação

**Sugestão:** Reformule a abertura para enunciar a mensagem central como promessa: 'Rubens não promete, constrói — o que fala vira entregue' (0–5s). Repita essa síntese no encerramento, imediatamente antes da sequência de 'Ah, ah!' (115–120s). Adicione CTA explícito: 'Vote em Rubens Pereira Jr. para deputado federal — construtor do Maranhão' (118–122s), transformando o jingle em instrução clara de voto e fixando ação esperada no eleitor.

#### **P4 — Eleitor-Herói — nota 3/10**

O jingle constrói uma narrativa onde o eleitor maranhense é convidado a reconhecer-se na trajetória de Rubens Pereira Jr, mas o mecanismo narrativo inverte sistematicamente os papéis: o político permanece no centro da história enquanto o eleitor é reduzido a espectador de realizações alheias. A peça começa com uma promessa de pertencimento — 'Homem do lado do povo' (1.5s–7s) — que deveria funcionar como ponte entre candidato e comunidade, mas o que segue é uma enumeração de feitos pessoais do deputado, não uma transformação da identidade do eleitor. A narrativa de origem ('Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor. Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador', 30s–34s) é tocante e ancorada no território maranhense, mas funciona como credencial do candidato, não como espelho onde o eleitor se vê como agente. O eleitor é convidado a admirar, não a agir. Quando a peça enumera realizações concretas — cotas no ensino, piso da saúde, segurança, impostos (52s–74s) — estas aparecem como dádivas do deputado ('fez', 'garantiu', 'honrou'), não como conquistas que o eleitor ajudou a construir ou que ele próprio poderia ampliar. A estrutura 'eu fiz' domina: 'Na Câmara Federal fez serviço de valor', 'fez lei contra a facção', 'deu alívio'. Mesmo quando a peça toca em resistência moral — 'Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar' (102s–107s) — o ato heroico é exclusivamente do candidato. O eleitor não aparece como alguém que também resiste, que também escolhe, que também constrói. O bordão final ('Não é homem de promessa, é de luta e construção, o

que fala vira entregue, o que faz muda a nação', 114s–120s) reforça essa hierarquia: 'o que faz' é Rubens; 'muda a nação' é resultado de sua ação, não de uma parceria. A identidade futura oferecida ao eleitor é passiva: você será alguém cujas cotas foram garantidas, cuja saúde foi honrada, cujos impostos foram aliviados — tudo por iniciativa de outro. A única participação solicitada é a vocal, através dos 57 'Ah, ah!' repetidos (130s–242s), que funcionam como adesão emocional e memorização, não como agência política. O formato de cordel e forró, embora culturalmente ancorado e memorável para o público maranhense, serve aqui mais como embalagem afetiva para um discurso de salvação pessoal do que como convite ao 'agir junto'. A ausência de um 'nós' construído (razão eu/você = 1, densidade de 'você' = 0.22/100 palavras) confirma que a peça fala sobre o povo, não com o povo. Para reequilibrar os papéis e transformar esta em uma narrativa de eleitor-herói com guia competente, seria necessário: (1) inverter a sequência narrativa — começar com uma dor ou aspiração do eleitor maranhense nomeada com especificidade ('gente que trabalha de madrugada e não vê folga', 'mãe que escolhe entre remédio e comida'), não com a história do candidato; (2) posicionar Rubens como alguém que compreendeu essa dor e mostrou um caminho, mas deixar claro que o eleitor foi quem votou, quem pressionou, quem fez acontecer ('você escolheu o trabalhador, e Rubens respondeu'); (3) reformular as realizações como conquistas coletivas ('juntos garantimos cotas', 'porque vocês exigiram, o piso da saúde saiu'), não como dádivas; (4) oferecer uma identidade futura onde o eleitor é agente ('você que vai decidir se continua essa luta' ou 'você que vai levar essa história adiante'), não apenas beneficiário. A peça tem força emocional e raízes culturais sólidas no público-alvo, mas funciona como hino ao candidato, não como convite ao eleitor para ser protagonista de sua própria transformação.

**Dimensões:** D2\_guia\_completo: 2/5 · D5\_coerencia\_papeis: 5/5 · D3\_ausencia\_eu\_heroi: 1/5 · D1\_centralidade\_eleitor: 1/5 · D4\_transformacao\_identidade: 0/5

**Penalidades:** razão eu/você = 1 (limite 2:1 não violado, mas densidade de 'você' = 0.22/100 palavras indica foco narrativo no candidato, não no eleitor; penalidade de -0.5 por desequilíbrio qualitativo); enumeração de conquistas sem conexão com vida do eleitor: 'Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino' (58s–62s) lista realizações sem explicar como o eleitor participou ou se beneficiou concretamente; -0.5; promessa em que eleitor só recebe e nunca age: 'abre o porta ao sonhador', 'honrou quem é cuidador', 'deu alívio a quem vivia apertado' (52s–74s) — todas estruturas passivas onde eleitor é objeto, não sujeito; -0.5; empatia protocolar sem especificidade: 'viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor' (30s–34s) é genérica; não nomeia dores do território maranhense (desemprego, seca, êxodo, precariedade de saúde específica); -0.5

### Evidências:

- [0:07] "Homem do lado do povo." — promessa de pertencimento que deveria abrir espaço para o eleitor como co-protagonista, mas é imediatamente seguida de narrativa centrada no candidato
- [0:34] "Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador." — momento de empatia com especificidade territorial, mas a escolha é do candidato, não do eleitor; eleitor não aparece como quem também escolhe

- [0:58] "Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador." — enumeração de realizações em primeira pessoa do candidato; eleitor é beneficiário passivo, não agente
- [1:42] "Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, sem o manda envergar." — momento de indignação e resistência moral, mas exclusivamente atribuído ao candidato; eleitor não é convidado a também dizer não, a também resistir
- [1:54] "Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação." — síntese que consolida a hierarquia: 'o que faz' (Rubens) 'muda a nação' (resultado); eleitor não aparece como sujeito da mudança
- [2:10] "Sequência de 57 'Ah, ah!' repetidos (130s–242s), intercalados com música de forró." — única participação solicitada ao eleitor é vocal/emocional; não há convite a agência política ou decisão

**Sugestão:** Reestruturar o primeiro verso para nomear uma dor específica do maranhense ('Tem gente que trabalha de madrugada e não vê descanso / Tem mãe que escolhe entre remédio e pão'), posicionar Rubens como quem compreendeu e respondeu ('você exigiu, Rubens ouviu'), e reformular as realizações como conquistas coletivas ('juntos garantimos cota, juntos defendemos o piso'). No refrão final, substituir 'o que faz muda a nação' por 'o que fazemos muda a nação' ou 'você que faz, você que muda', transformando o eleitor de espectador em agente.

## Inventário de Gatilhos (20)

| t    | Gatilho    | Categoria  | Int. | Lastro   | Trecho                                                                                                                   |
|------|------------|------------|------|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 0:00 | narrativo  | narrativo  | 3    | real     | Estrutura geral em cordel: rimas AABB/ABAB, métrica de 8-10 sílabas, ritmo de forró constante.                           |
| 0:01 | unidade    | unidade    | 2    | retorico | Homem do lado do povo.                                                                                                   |
| 0:01 | persuasivo | presuasivo | 2    | real     | Violão dedilhado melancólico + voz emotiva + ritmo de forró alegre; 'Homem do lado do povo'.                             |
| 0:11 | unidade    | unidade    | 2    | real     | guerreiro nascido no Maranhão [...] Menino de São Luís                                                                   |
| 0:11 | emocional  | emocional  | 2    | real     | Menino de São Luís fez da luta seu valor, viu riqueza e viu miséria, viu promessa e viu dor.                             |
| 0:11 | persuasivo | presuasivo | 2    | real     | Maranhão, São Luís, 'os dois Brasis'                                                                                     |
| 0:11 | narrativo  | narrativo  | 3    | real     | Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão. [...] Menino de São Luís fez da |
| 0:23 | afeicao    | afeicao    | 2    | retorico | Tem trabalho, tem rumo e firmeza na opinião. [...] Conheceu os dois Brasis e escolheu o trabalhador.                     |

| t    | Gatilho       | Categoria     | Int. | Lastro   | Trecho                                                                                                                   |
|------|---------------|---------------|------|----------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 0:34 | autoridade    | autoridade    | 2    | real     | Cedo entrou na peleja, sem se vender, sem temer, bateu de frente com os grandes que só lutam por poder. Quando o mando f |
| 0:52 | emocional     | emocional     | 2    | real     | garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador [...] defendeu descanso justo, tempo livre pra abraçar.                |
| 0:52 | reciprocidade | reciprocidade | 3    | real     | Na Câmara Federal fez serviço de valor, garantiu cota no ensino, abre o porta ao sonhador. E no piso da saúde honrou que |
| 1:24 | reciprocidade | reciprocidade | 2    | real     | Pela escala seis por um, foi pra cima sem recuar, defendeu descanso justo, tempo livre pra abraçar. Porque gente trabalh |
| 1:24 | logico        | logico        | 1    | real     | Pela escala seis por um                                                                                                  |
| 1:42 | autoridade    | autoridade    | 2    | real     | Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, se |
| 1:42 | emocional     | emocional     | 3    | real     | Quando veio a blindagem pra poderoso se guardar, a anistia apareceu pra culpado escapar. Rubens disse não duas vezes, se |
| 1:54 | narrativo     | narrativo     | 3    | retorico | Não é homem de promessa, é de luta e construção, o que fala vira entregue, o que faz muda a nação.                       |
| 2:00 | narrativo     | narrativo     | 1    | retorico | Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo.                                               |
| 2:00 | prova_social  | prova_social  | 2    | real     | o federal do Lula                                                                                                        |
| 2:00 | unidade       | unidade       | 2    | real     | Fez e fará de novo o federal do Lula, no Maranhão, sempre ao lado do povo.                                               |
| 2:10 | unidade       | unidade       | 3    | real     | Sequência de 'Ah, ah!' repetidos 57 vezes (130s–242s), intercalados com música de forró.                                 |

## Métricas computáveis

### ritmo — 111 palavras/min; 0 cortes/min

- **silencios**: {"quantidade":0,"duracao\_total\_s":0} (ok) — nenhuma pausa dramática  $\geq 1,5s$
- **cortes\_min**: 0 (atencao) — ritmo de corte lento para consumo rápido
- **cena\_media\_s**: {"media\_s":242,"mais\_longa":null} (atencao) — cenas longas — risco de monotonia visual
- **densidade\_info**: 111 (ok) — densidade de fala confortável
- **variacao\_ritmo**: 0 (ok) — ritmo constante (métrica informativa)
- **fala\_continua\_max**: 12.5 (ok) — sem blocos longos de fala ininterrupta

- **texto\_tela\_colisao**: 0 (ok) — texto e fala raramente colidem

## emocao — perda/ganho 1; absolutismo 0.22/100

- **hedges**: 0 (atencao) — quase nenhum modalizador — discurso sem concessivas
- **absolutismo**: 0.22 (ok) — linguagem flexível
- **razao\_dor\_prazer**: {"razao":0.33,"sequencia\_dor\_prazer":true} (ok) — sequência dor → alívio detectada (motor de decisão)
- **razao\_perda\_ganho**: 1 (ok) — enquadramento equilibrado ou de ganho
- **essencia\_vs\_conduta**: 0 (ok) — ataques (se houver) são a condutas, não a essências
- **desumanizacao\_lexico**: {"trechos":[],"contagem":0} (ok) — sem metáforas de praga/sujeira/doença/animal

## proposta — 1 promessa(s); 0 número(s)

- **promessas**: {"contagem":1,"primeiras":["Vou pegar minha viola pra cantar com emoção, a vida de um guerreiro nascido no Maranhão"]} (ok) — 1 frase(s) de promessa
- **numeros\_especificos**: {"contagem":0,"pct\_quebrados":0} (atencao) — nenhum número citado
- **perguntas\_retoricas**: 0 (ok) — nenhuma pergunta retórica

## estrutura — nenhum CTA detectado

- **ctas**: {"direto":0,"timestamps":[],"transitorio":0,"posicoes\_relativas":[]} (atencao) — nenhum CTA detectado
- **loops**: {"abertos":0,"fechados":0,"abertos\_no\_final":0} (ok) — nenhum loop de curiosidade
- **porque\_pedido**: 0 (atencao) — pedidos sem "porque" por perto
- **gatilhos\_resumo**: {"arquetipo":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":3},"agir\_junto":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":3},"cta\_direto":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":0,"intensidade\_media":1},"indignacao":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":3},"rima\_ritmo":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":3},"territorio":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2},"justaposicao":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2},"similaridade":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":0,"intensidade\_media":2},"slogan\_bordao":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":0,"intensidade\_media":3},"dado\_especifico":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":1},"esperanca\_ganho":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2},"nos\_identitario":  
{"contagem":2,"pct\_lastro\_real":50,"intensidade\_media":2},"historia\_pessoal":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2},"credencial\_verbal":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2},"enumeracao\_do\_dado":  
{"contagem":2,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2.5},"geografia\_persuasiva":  
{"contagem":1,"pct\_lastro\_real":100,"intensidade\_media":2},"depoimento\_de\_terceiro":



{'contagem':1,'pct\_lastro\_real':100,'intensidade\_media':2},{'fraqueza\_antes\_da\_forca':  
{'contagem':1,'pct\_lastro\_real':100,'intensidade\_media':2}} (ok) — 20 gatilhos em 18  
categorias

- **t\_primeiro\_pedido**: null (atencao) — sem pedido com timestamp
- **repeticao\_promessa**: 0 (atencao) — promessa dita no máximo uma vez

## legibilidade — Fácil (Flesch 122.3), frases de 3.4 palavras

- **ttr**: 0.423 (ok) — diversidade lexical típica
- **concretude**: 0.63 (ok) — discurso concreto, gera imagem mental
- **flesch\_ptbr**: 122.3 (ok) — leitura fácil (alvo atingido)
- **frase\_media**: 3.4 (ok) — frases curtas, processamento leve
- **densidade\_jargao**: 0 (ok) — pouco jargão político-burocrático

**direcionamento — razão eu/você 1; "você" 0.22/100 palavras**

- **indice\_nos**: 0 (atencao) — pouca construção de "nós"
- **razao\_eu\_voce**: 1 (ok) — foco no público, não no emissor
- **densidade\_voce**: 0.22 (alto) — discurso pouco direcionado ao "você"
- **razao\_nos\_eles**: "sem exogrupo citado" (ok) — nenhum exogrupo rotulado

## Transcrição

[illegible]

Gerado pelo Decodificador de Eficácia Comunicacional em 23/07/2026, 20:37:45